

# ESTÓRIAS QUILOMBOLAS



COLEÇÃO  
CAMINHO  
DAS PEDRAS

Vol. III



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



BID

Ministério  
da Educação



Brasília, 2010

© 2010. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação

**Organizadora do Projeto Estórias Quilombolas:** Gloria Moura

**Pesquisadores:** Gloria Moura e Juliane Mota

**Narradores:** Quilombolas de Goiás, Maranhão, Minas Gerais e Rio Grande do Sul

**Adaptação de linguagem:** Lucília Garcez

**Orientadora pedagógica:** Ana Lucia Lopes

**Pedagoga:** Arlete Pinheiro

**Assistente pedagógica:** Shirley Soares

**Professora quilombola:** Milza Farias da Silva

**Instrutoras da Oficina de Desenho:** Arlete Pinheiro, Milza Farias da Silva, Gloria Moura e Shirley Soares

**Ilustrações:** crianças de 1ª a 5ª Séries da Escola Tia Adesuíta - Comunidade de Diadema, localizada na Comunidade Kalunga no município de Teresina de Goiás/GO.

**Capa:** Walter Gaucho sobre desenho do aluno Domingos – 2ª série

**Concepção Editorial:** Gloria Moura

**Projeto Gráfico:** Artecontexto

**Tiragem:** 140.000 exemplares

#### **Agradecimentos:**

*Aos moradores das comunidades pesquisadas cuja participação e concordância foram essenciais para a edição deste livro e a todas as pessoas que colaboraram de alguma maneira para a concretização desse projeto.*

*À equipe do Projeto de Apoio a Comunidades de Quilombo do Brasil - PROACQ: Carlos Moura, Ana Cristina Macedo, Delvair Montagner, Luiz Leite, Verônica Gomes e André Luiz Rodrigues.*

*Ao Paulo Dias/Cachuera, companheiro de pesquisa.*

*À Marta Litwinczik, de aluna à professora.*

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Estórias Quilombolas / organizadora do Projeto Histórias Quilombolas: Gloria Moura; pesquisadores: Juliane Mota e Paulo Dias. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.  
98 p. : il. color. – (Coleção caminho das pedras; v. 3)

ISBN: 978-85-60731-38-1

1. Contos populares. 2. Folclore brasileiro. 3. Comunidades dos quilombos. I. Projeto Histórias Quilombolas. II. Moura, Gloria. III. Mota, Juliane. IV. Dias, Paulo. V. Brasil. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. VI. Série.

CDU 398.21

# SUMÁRIO

**PREFÁCIO..... 08**

**APRESENTAÇÃO ..... 10**

**ESTÓRIAS RELIGIOSAS ..... 16**

São Pedro e Nosso Senhor ..... 17

São José e Nossa Senhora em Congonhas do Campo ..... 21

A estória de Santa Ifigênia ..... 24

O milagre de Nossa Senhora do Rosário..... 26

A festa de São Benedito ..... 28

A chuva ..... 31

Nossa Senhora da Conceição e as pedras ..... 33

Nossa Senhora da Abadia e o caçador ..... 37

Oxum e a cura da tia Maria da Fé..... 40

Sexta-feira da Paixão e a rezadeira..... 42

O Maçambique..... 44



Toada de abertura .....	48
Toada de despedida .....	48
Toada de saudação .....	49
Bendito.....	50
O Tambor de Mina.....	51

**ESTÓRIAS DE ANIMAIS..... 53**

A raposa e o papa-mel.....	54
O homem que virava onça.....	58



## **ESTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÕES E MISTÉRIOS 62**

O ouro enterrado.....63

A assombração da gema da Bahia .....67

O forró e a casa que afunda.....71

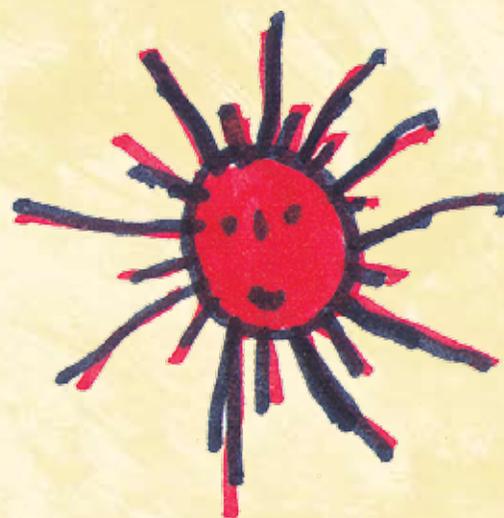
A tocha de fogo.....73

Assombração de luzes.....76

O morro encantado .....81

## **ORIENTAÇÕES PARA O PROFESSOR .....83**

## **BIBLIOGRAFIA ..... 96**



# PREFÁCIO

Desde os mais remotos tempos da humanidade, a “contação” de estórias constitui um poderoso meio de transmissão de conhecimento. Nas culturas tradicionais, as estórias informam e formam as futuras gerações. Relatam um passado de luta, de adversidade, de resistência dos nossos ancestrais. Contadas nos mais diversos espaços e ambientes, as estórias constituem um poderoso meio de difusão e perpetuação de conhecimentos, valores e crenças. A assombração da Gema da Bahia, O tambor de Mina, São José e Nossa Senhora em Congonhas do Campo, Oxum e a cura da tia Maria da Fé, O Maçambique, O homem que virava onça constituem importantes seres, cenários e cenas de histórias contadas e ouvidas em quilombos.

Você já foi a um Quilombo?

Muitas pessoas não apenas nunca foram como também desconhecem o modo de vida das pessoas que vivem em comunidades remanescentes de Quilombos.

Muitos ignoram as estórias de resistência e de lutas de negros e negras que, narradas pelos contadores de estórias, com muito orgulho de seu pertencimento, transmitem ensinamentos de geração em geração, semeando esperança para o futuro. O livro de Gloria Moura reúne estórias contadas por quilombolas, contadores populares que buscam manter viva a memória de suas raízes.



O trabalho realizado pela autora constitui importante obra para os já admiradores – homens, mulheres e crianças – das manifestações da cultura popular brasileira. É um valioso material para aqueles que iniciam agora sua incursão nos encantamentos da realidade quilombola. As estórias reunidas nesse livro nos remetem a outras, lembranças de nossa infância, que alegres, tristes ou assombrosas, mexiam sempre fortemente com nossas emoções e desejos.

A professora Gloria, pesquisadora, apaixonada que é pelo assunto, não construiu um livro qualquer. Escreveu um livro que quer alegrar. Com estórias contadas por narradores e narradoras pertencentes a comunidades por vezes esquecidas.

Dessa maneira, somos convidados ao irreal, ao encantamento, à surpresa, ao sonho, à alegria, à diversidade, ao inesperado, ao medo, à vida.

Página a página é difícil parar de ler. É difícil deixar de rememorar a infância.

Assim, com simplicidade e beleza, as estórias que compõem este livro podem ser usadas como um recurso pedagógico para subsidiar debates e reflexões acerca do mundo imaginado, do mundo desconhecido e também do mundo real.

Gloria, com este livro, nos brinda com o prazer de conhecer, e valorizar a diversidade. Presenteia-nos com a alegria de nos reconhecemos no mundo.

Dra. Eliane Cavalleiro  
*Professora da UnB*

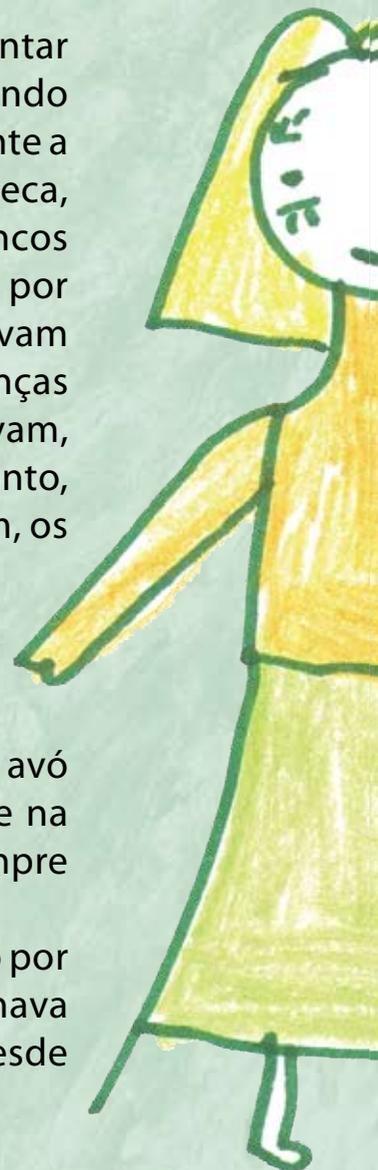
# APRESENTAÇÃO

“ O que não se registra, o vento leva.”  
Mãe Stela de Oxossi

Ao começar a pensar sobre o que escreveria para apresentar este livro, vieram-me à cabeça as estórias que ouvi quando criança. Lembro-me bem de D. Ambrosina, que ia regularmente a casa de minha amiga Elisinha, com quem eu brincava de boneca, apenas para contar estórias. Era uma senhora de cabelos brancos que sentava em um banquinho, cercada de crianças ávidas por ouvir suas estórias de bicho, de reis, de rainhas que não estavam escritas em nenhum livro. Sua imaginação era fértil e as crianças viajavam pelo mundo dos sonhos e com ela se inebriavam, todas quietas, boquiabertas, embriagadas num encantamento, ouvindo sem respirar os bichos falarem, as princesas casarem, os meninos e meninas voarem...

Na minha casa vivia Caridade, outra contadora de estórias que marcou indelevelmente minha vida. Foi de sua boca que ouvi as primeiras estórias das áfricas que ela, por sua vez, tinha ouvido de sua mãe, que tinha ouvido de sua avó ainda na senzala. Era uma mulher altíssima (talvez somente na minha imaginação), também de cabelos brancos, quase sempre amarrados por um pano.

Ela trabalhava em casa de meu avô, homem bravo e temido por todos, mas que respeitava a velha senhora que acompanhava sua família há muitos anos. Meu pai dizia que a conhecia desde





a idade de 16 anos. Ela me contou estórias mais fortes e reais do que as de D. Ambrosina, de como os africanos escravizados eram maltratados pelos senhores, de como trabalhavam de sol a sol, de como aproveitavam as sobras do porco, inventando a feijoada. Contava, também, das rainhas que aqui aportaram, deixando para trás uma vida digna para serem tratadas como servas. As estórias de luta e de resistência dos negros me eram contadas como estórias heróicas, reais, entretanto, na minha imaginação infantil pareciam contos da carochinha.

Muitos anos depois, minha vida foi influenciada pelas estórias ouvidas nos quilombos. Em minhas andanças pelas comunidades remanescentes, ouvi as mesmas estórias de luta e resistência contadas por Caridade e ainda as estórias do tempo em que os bichos falavam, estórias de assombração e mistério, estórias de fé, estórias de santos. E comecei a perceber que o encantamento provocado pelos contadores de estórias, nas comunidades era o mesmo que eu sentia quando criança. Eles ou elas eram lideranças respeitadas que passavam os valores para a comunidade, via tradição oral. Não tem hora marcada para contar e ouvir estórias nas comunidades.

Qualquer oportunidade é aproveitada! Nas festas, na capina na roça, durante as rezas para os santos, se chega alguém de fora ou para eles mesmos e tanto para crianças como para adultos. Principalmente os mais velhos – guardiões da história - estão sempre disponíveis para apresentar seus relatos, têm prazer em contar tudo a quem lhes inspira confiança.

Tive esse privilégio ao ouvir estórias do Jair (quanta saudade!!!) na Comunidade de Mato do Tição, assim como de D. Divina e de Seu Joãzinho, de D. Georgina e suas “ajudantes” na comunidade de Santa Rosa dos Pretos, em Itapecurumirim/Maranhão, de Seu Antonio Chico e D. Tomásia, em Morro Alto, Osório/RS e em Pombal, em Goiás, de Seu Olidio e seu pai, e tantos outros pelo país a fora.



Os momentos de invasão são enfrentados com fé nos deuses africanos (orixás, voduns, encantados, invisíveis) e nos santos padroeiros, dançando e cantando. As estórias do tempo que Jesus andava pela terra ensinando que o bem atrai o bem e o mal atrai o mal, que assombração aparece para os invejosos e descumpridores dos deveres, têm o mister de passar valores importantes para os moradores das comunidades remanescentes de quilombos. Os anos vão passando e as estórias permanecem. Até quando, ninguém sabe.

Diante disso, decidi fazer este registro para que todos possam conhecer um pouco do imaginário dos moradores dos quilombos, para aprender parte dessa cultura que perpassa norte e sul, leste e oeste do Brasil.



Algumas estórias que são contadas no Maranhão são repetidas em Goiás e em outros estados. Ficamos estupefatas quando Milza, professora kalunga, que nos ajudou a realizar as oficinas para ilustração do livro, nos contou que conhecia uma estória semelhante à contada no Maranhão, relativa a um homem que virava lobisomem, que até era conhecido de sua mãe.

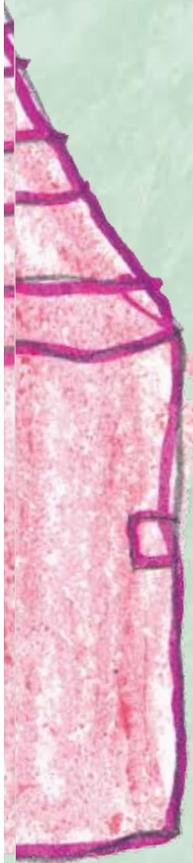
Oferecemos a todos os brasileiros, e principalmente às crianças, essa riqueza poética, parte de uma pesquisa de vinte anos. As estórias foram reescritas para facilitar a compreensão da linguagem oral.



Como colaboração para com os professores no uso didático das estórias, anexamos algumas sugestões de atividades, mas contamos com a imaginação e criatividade de todos para reescrever as estórias e contar muitas outras. Afinal, como dizia D. Georgina, mãe-de-santo da comunidade de Santa Rosa dos Pretos, ao referir-se a uma menina de 7 anos que imaginava muito: “- A cabeça dela é um pássaro...”

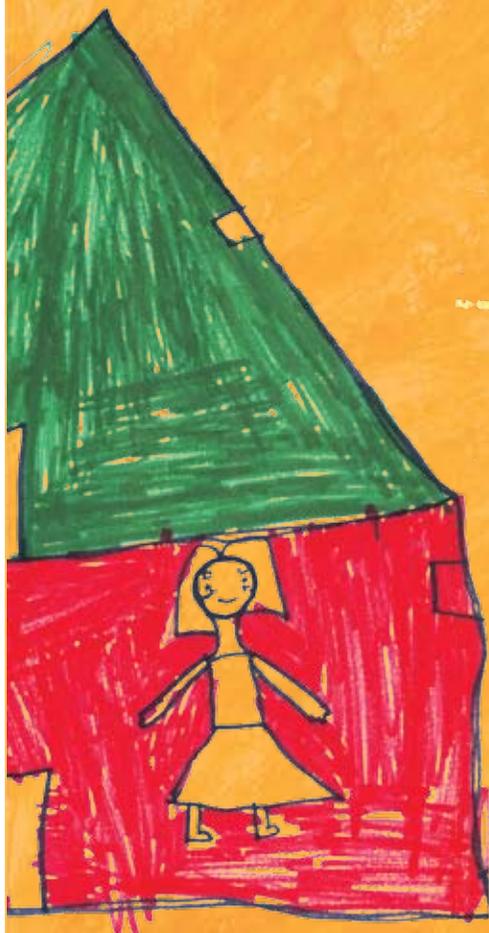
Que a cabeça de todos os leitores se tornem pássaros de vôos bem altos!

**Gloria Moura**  
Organizadora





# ESTÓRIAS RELIGIOSAS



# SÃO PEDRO E NOSSO SENHOR



Jair contava que um dia São Pedro e Nosso Senhor desceram à terra, em um domingo de aleluia, para visitar o mundo.

Passaram por um homem que estava cavando, cavando, cavando e plantando uma roça num terreno muito fértil. O homem se chamava Tomé. O sol estava quente, quente mesmo, e Tomé cavava um bocadinho e plantava, cavava um bocadinho e plantava.

Aí Nosso Senhor, que ia passando, perguntou a Tomé:

- Ô Sinhô! O que está plantando aí?

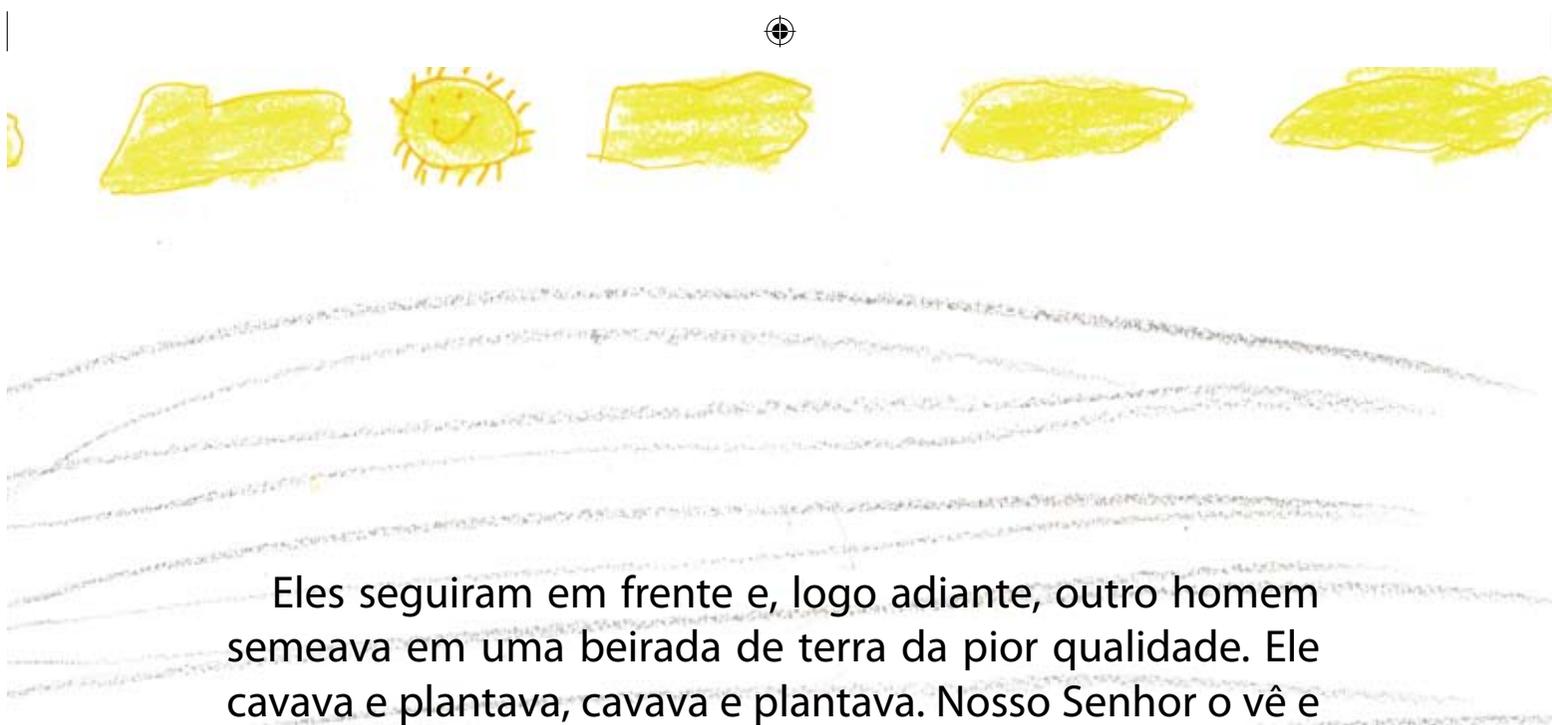
O homem com muito mau humor respondeu:

- Tô plantando pedra. Quando eu colher o milho não vou vender pra ninguém, somente quando eu tiver vontade.

Nosso Senhor comentou:

- Pedra se colhe!





Eles seguiram em frente e, logo adiante, outro homem semeava em uma beirada de terra da pior qualidade. Ele cavava e plantava, cavava e plantava. Nosso Senhor o vê e pergunta:

- Ó Sinhô! O que está plantando aí?

O homem respondeu:

- Ah, se Deus quiser eu estou plantando aqui uma covinha de milho. Na fé de Deus eu vou colher muito milho.

- Que assim seja!, abençoa Jesus.

São Pedro perguntou pra Nosso Senhor:

- Senhor, como é que Senhor fala uma coisa dessa? Aquele homem plantando na beira do morro, a roça dele pode dar bom milho?





Nosso Senhor disse:

- Vai dar sim! A roça dele vai dar.

O homem que estava plantando na beira do morro, quando o milho nasceu, já nasceu com bonequinha. Deu espiga, nasceu a primeira folha até chegar no pendão. Ele guardou milho no paiol e muita gente que não tinha milho pedia a ele para colher um pouco e ainda assim dava para encher o paiol.

O homem que plantava “pedra”, colheu o milho com pedra dentro, guardou no paiol, e não vendeu pra ninguém. Guardou pra vender mais caro, porque dizia que o milho não estava com bom preço.

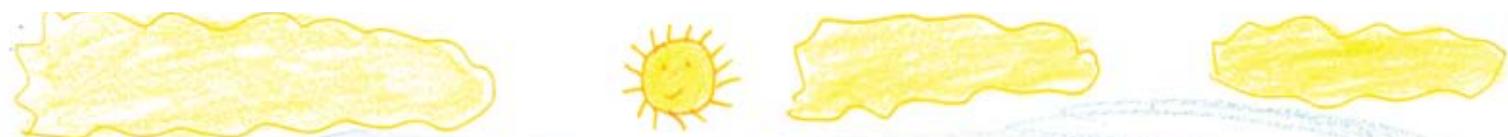




Aí, quando ele encontrou alguém que pagasse o valor que ele queria, abria a espiga de milho e encontrava pedra, abria outra era pedra. O paiol dele ficou cheiiiiinho de pedra. Foi pedra mesmo!

- A gente conta estória...muita gente acha que é mentira, mas essas estórias não são mentira não.

Seu Jair solta uma alta e gostosa gargalhada.



**Narrador:** Jair Siqueira

**Comunidade:** Mato do Tição

**Ano:** 1995

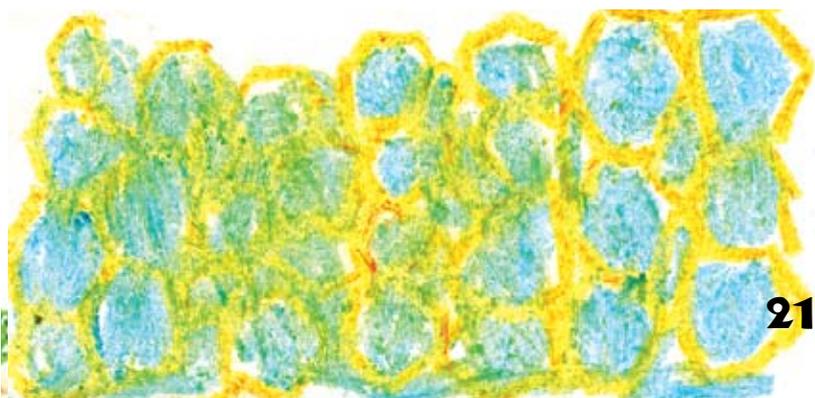
**Pesquisadora:** Gloria Moura



# SÃO JOSÉ E NOSSA SENHORA EM CONGONHAS DO CAMPO

São José chegou a Congonhas do Campo (cidade de Minas Gerais, onde estão muitas esculturas de Aleijadinho) puxando um burrinho com Nossa Senhora. Havia uma igreja em construção, na praça principal da cidade. São José procurou o mestre-de-obra e pediu trabalho:

- Eu sou carpinteiro. O senhor arruma um serviço pra mim na igreja?
- O senhor tem ferramenta?
- Tenho sim.
- Que ferramentas o senhor tem?
- Eu tenho um serrote, uma plaina e uma enxó (instrumento usado para modelar a madeira).



- Eu vou dar um serviço para o senhor, mas não é por muitos dias não.

- Não tem importância. Nós também não podemos ficar por aqui por muito tempo, temos que continuar nossa viagem.

- Então o senhor pega aqueles pedaços de madeira ali e começa a aplinar para fazer uma porta.



O encarregado da obra tinha dúvidas que São José soubesse fazer uma porta. Mas São José pegou a madeira, mediu, cortou, aplainou, acertou tudo, serrou, juntou as partes com o maior capricho e fez uma banda da porta. Foi medindo tudo com o olho, pois não tinha compasso. Enquanto ele trabalhava na igreja, Nossa Senhora fiava algodão. Em pouco tempo ele começou a assentar a porta no lugar, enquanto o mestre dos mestres e os outros operários ficavam olhando. Ele assentou certinho a banda da porta e disse:

- Agora vocês fazem o outro lado da porta porque eu tenho de ir embora, eu não posso ficar mais.

Até hoje, o mestre-de-obra procura um carpinteiro que saiba fazer a porta tão bem feita como a que São José fez e não encontra.

**Narrador:** Jair Siqueira

**Comunidade:** Mato do Tição

**Ano:** 1995

**Pesquisadora:** Gloria Moura



# A ESTÓRIA DE SANTA IFIGÊNIA

Jair era um grande contador de estórias. Naquela tarde, ele conversava com os mais novos e cantou um verso do candombe (dança africana de origem bantu) que falava em Santa Ifigênia. Eles ficaram curiosos para saber quem era a Santa Ifigênia.

- Quem é Santa Ifigênia, quem é Santa Ifigênia? Perguntava, cheio de impaciência, o curioso Lindomar.

- É uma santa negra como a gente, que nasceu num país africano, que protege as nossas casas dos incêndios, respondeu Jair.

- E porque ela carrega aquela casinha na mão?

- Aquela casinha é o convento que ela salvou das chamas de um grande incêndio. Santa Ifigênia cozinhava para as freiras do convento. Teve um dia que o convento pegou fogo. Ela tinha saído e quando voltou ouviu as freiras gritando:



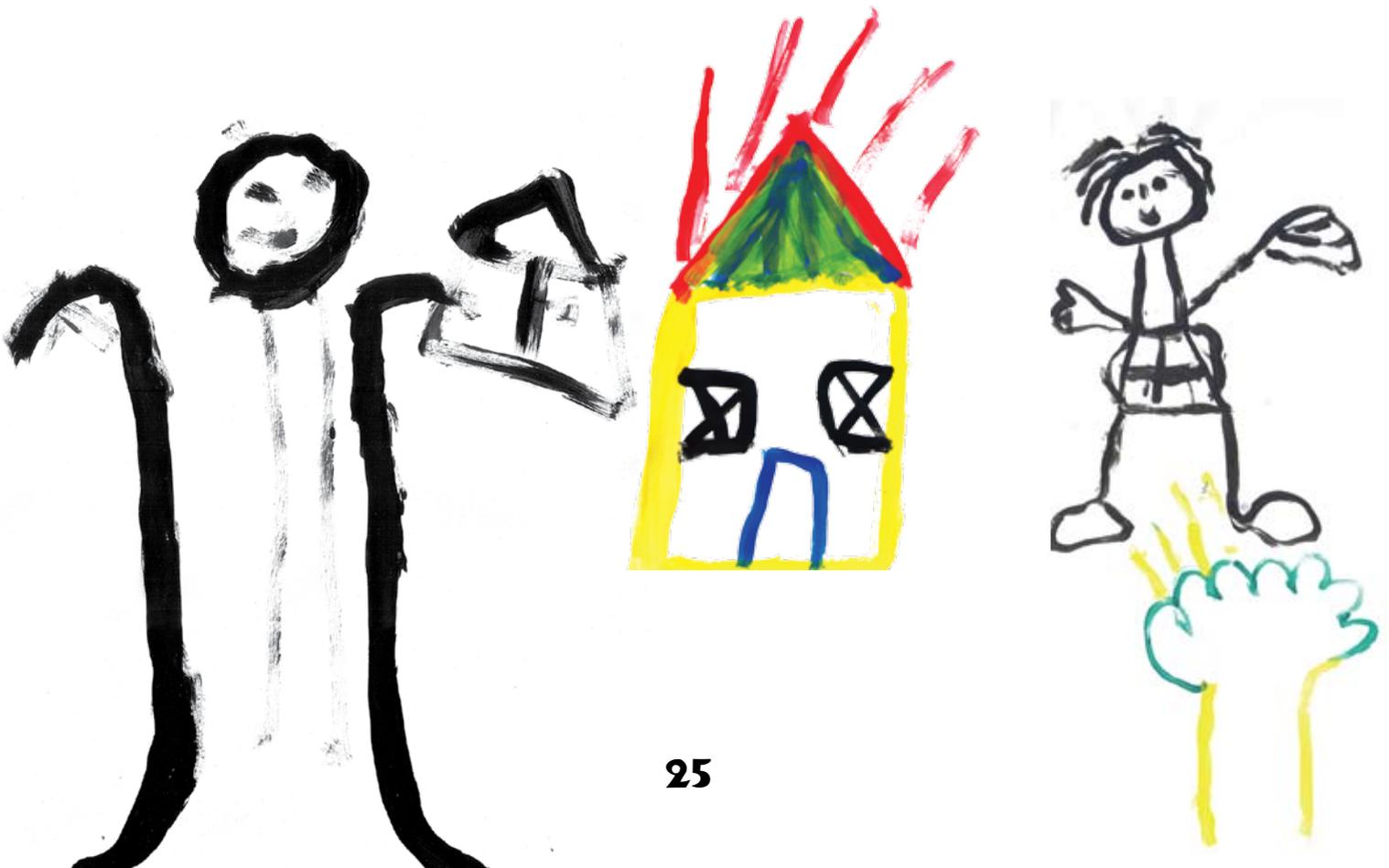
-Acode Ifigênia! Acode Ifigênia! Acode Ifigênia!!!  
Ela viu que o convento estava pegando fogo igual a uma fogueira. Então ela enfiou a mão por baixo do convento e suspendeu ele. Aí ela saiu com o convento na mão, sem fogo. Ela levantou o convento e o fogo ficou lá sozinho. E as freiras arredaram. Na hora que ela suspendeu o convento ela disse:  
-Tá aí a liberdade, Sinhô, ta aí a liberdade Sinhô!!

**Narrador:** Jair Siqueira

**Comunidade:** Mato do Tição

**Ano:** 1995

**Pesquisadora:** Glória Moura

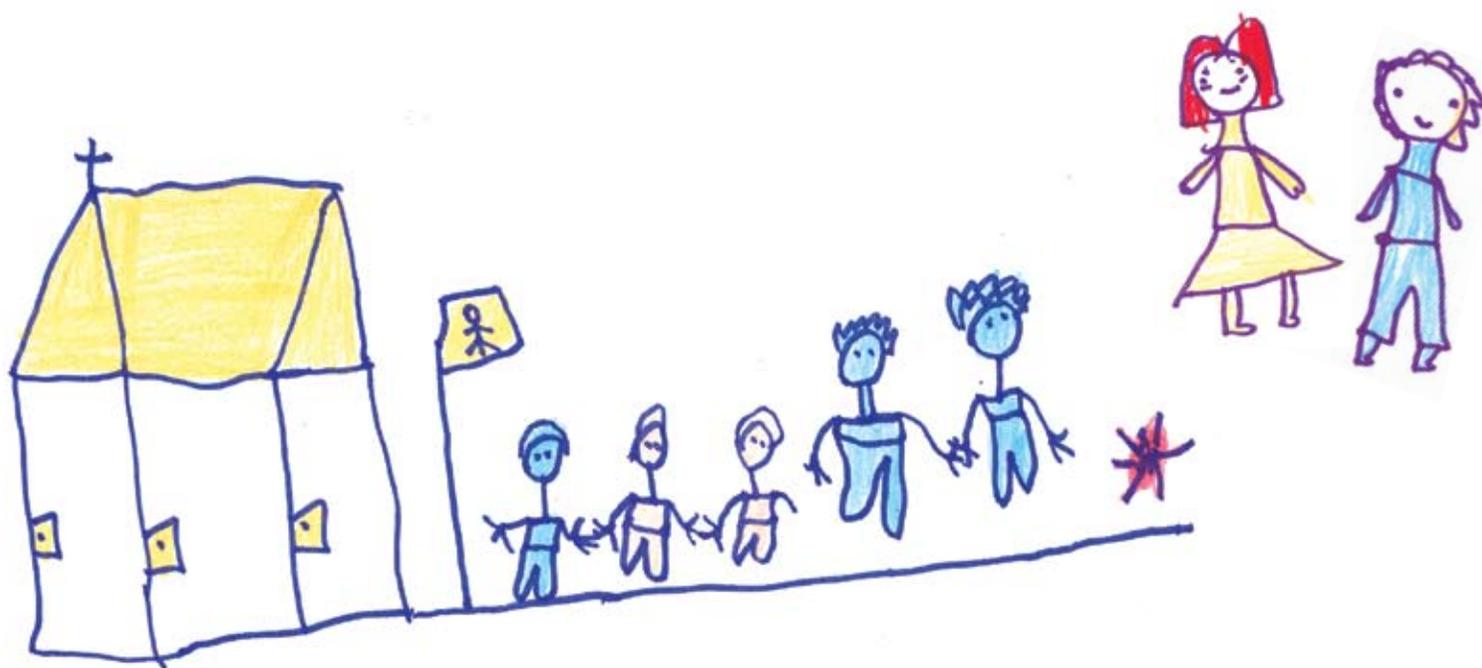


# O MILAGRE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Dona Maria e seu Francisco não conseguiam criar os filhos. Nasciam, mas quando estavam crescidinhos tinham uma dor de barriga. Já se podia arrumar o caixão, porque eles morriam logo depois.

Dona Ana, mãe de Maria, veio visitá-los e disse:

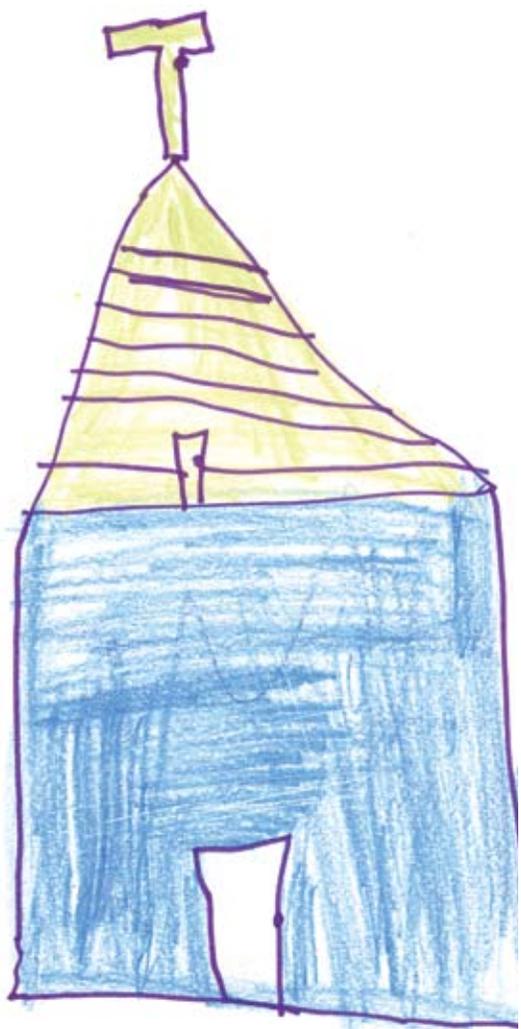
- Francisco, eu tive um sonho com Nossa Senhora do Rosário. Sonhei que se vocês prometessem que seus filhos homens seriam dançantes de maçambique na festa de Nossa Senhora do Rosário, eles iam viver.



- Então a promessa está feita, dona Ana. Eu já sou dançante desde os doze anos de idade. A Maria vai concordar e nós vamos à igreja para sacramentar a promessa.

Assim fizeram. Foram à igreja, rezaram e prometeram encaminhar os filhos homens para o maçambique de Nossa Senhora do Rosário.

Logo que D. Maria ficou grávida e teve o primeiro filho, lembrou-se logo da promessa. Quando o menino completou 10 anos de idade começou a dançar no maçambique. Desde então, os filhos homens de Maria e Francisco se criaram com saúde e entraram para o maçambique de Nossa Senhora do Rosário.



**Narrador:** Chico Antônio  
**Comunidade:** Osório - RS  
**Ano:** Maio/1996  
**Pesquisadora:** Gloria Moura

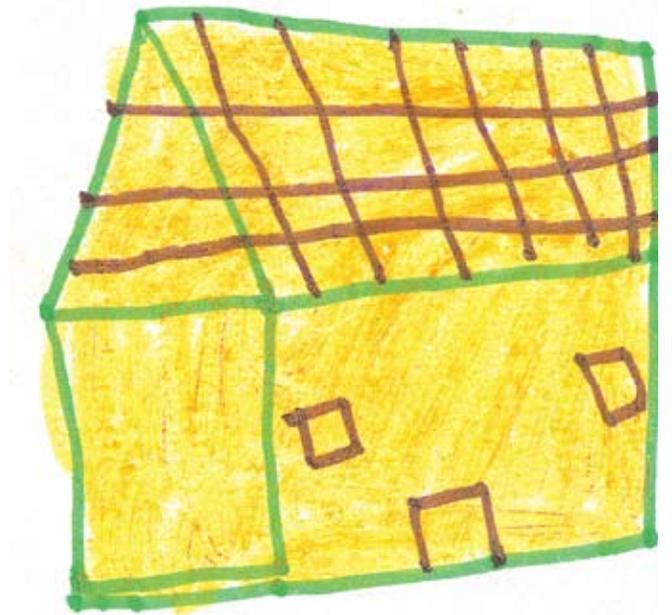
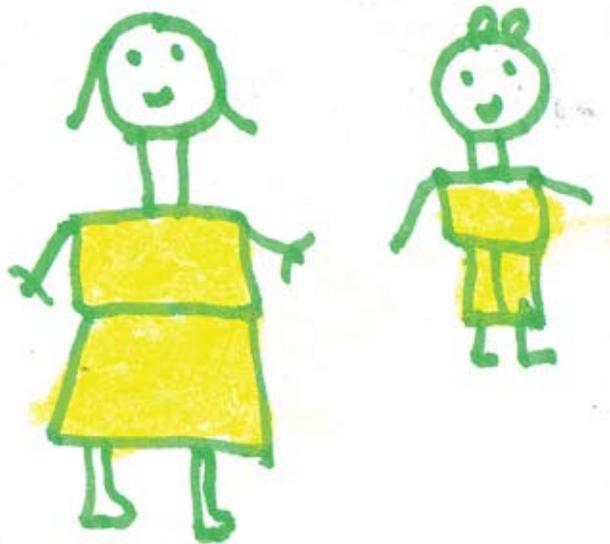
# A FESTA DE SÃO BENEDITO

Em Osório, o costume era fazer a festa de São Benedito com muita bebida e muita comida, muita música e muita dança. Seu Antônio Chico era o festeiro.



Mas a escola da cidade estava fazendo um baile para arrecadar dinheiro e o organizador, seu Cláudio, procurou seu Antônio Chico no armazém e disse:

- Seu Antônio Chico, o que o senhor acha de não fazer a festa de São Benedito esse ano para o dinheiro ir todo para a festa da escola? A escola está precisando muito e nós estamos organizando um baile com churrasco.



- Seu Cláudio, eu não sei se o senhor vai ter lucro nesse baile, porque São Benedito pode ficar sentido com a falta da festa dele.

Quando chegou em casa, seu Antônio Chico falou para a mulher:

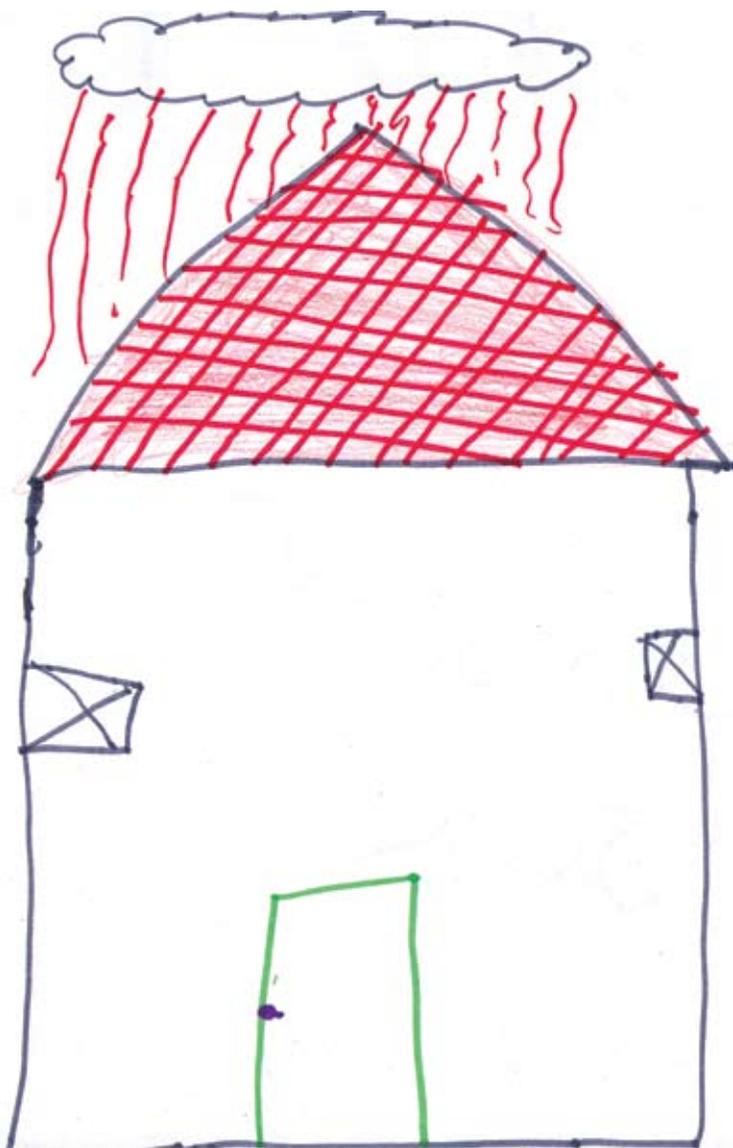
- Eles vão tirar a festa de São Benedito para fazer o baile para arrecadar dinheiro e arrumar a escola das crianças. Acho que vai acontecer uma coisa grave, pois São Benedito não vai ficar satisfeito.

- Ah! Não seja bobo, não vai acontecer nada.

- Então você vai ver...

Os organizadores apressaram os preparativos e chegou o dia do baile. A escola estava toda enfeitada de flores de papel crepom. A churrasqueira tinha sido montada no pátio.





Quando foi chegando a hora do baile, formaram-se umas nuvens no céu e começou uma ventania medonha. Caiu uma tempestade. Árvores foram arrancadas, telhas foram derrubadas. Pedras de gelo batiam com força nas janelas e nos telhados. Foi um dilúvio. Muitas casas ficaram destelhadas. O churrasco teve que ser distribuído pelo povo da cidade, para não desperdiçar carne. As flores de papel crepom se desmancharam.

Em Osório, nunca mais deixaram de fazer a festa de São Benedito.

**Narrador:** Seu Antonio Chico

**Comunidade:** Osório, RS

**Ano:** Maio/1996

**Pesquisadora:** Gloria Moura

# A CHUVA

Em Pombal, contam que na época da seca, quando não caía nem um pinguinho de chuva, os moradores sofriam muito com a falta de água para suas plantações e para os animais. Perto da comunidade de Pombal há um córrego. Então, os moradores à noite desciam com velas nas mãos e uma vasilha, até o córrego. Apanhavam água e iam, em procissão, rezando e cantando até o cemitério das crianças.

Chegando lá no cemitério, derramavam a água nos túmulos, do lado da cabeça das crianças, fazendo várias orações. Quando terminavam de rezar, cada um pegava

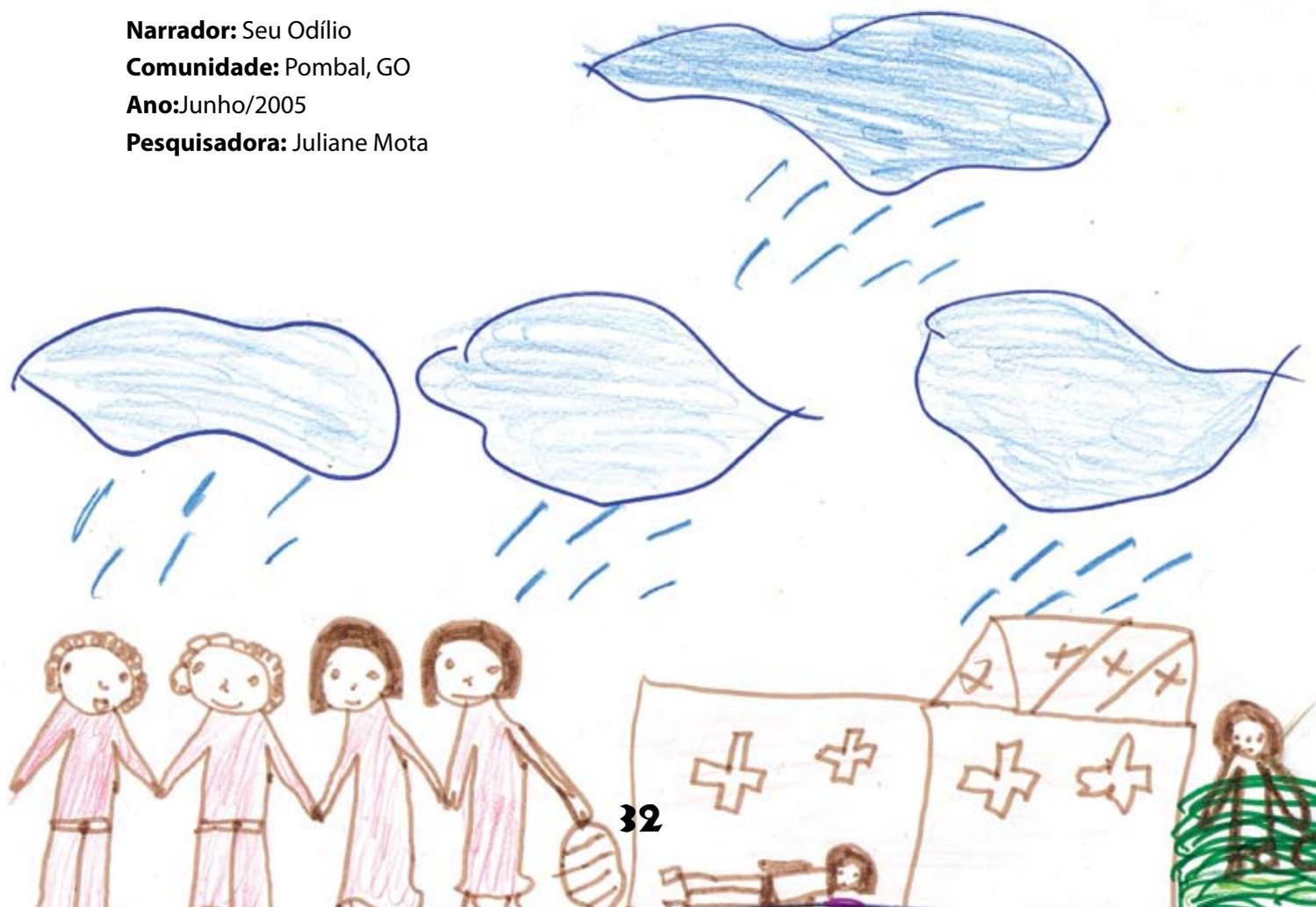


uma pedra do chão e retomava o caminho do córrego, pois as pedras tinham de ser colocadas na água.

Mas as pedras precisavam ser colocadas na água bem devagarzinho, com cuidado, para que a chuva viesse pródiga, para ajudar na plantação. Caso as pedras fossem jogadas com força, a chuva viria muiiito forte e seria desastrosa para as plantações.

Chovia mesmo!!! O terreno ficava fértil e a colheita era farta.

**Narrador:** Seu Odílio  
**Comunidade:** Pombal, GO  
**Ano:** Junho/2005  
**Pesquisadora:** Juliane Mota



# NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E AS PEDRAS

Minha avó contava uma estória, que coisas estranhas começaram acontecer na Comunidade de Pombal, onde morava Albertina Borges.

Albertina mocinha e as moças da comunidade gostavam de tomar banho num dos córregos do lugar. Um dia, uma menina que passava por ali, também se juntou a elas no banho e ficaram lá proseando.

Mais tarde, quando Albertina já estava em casa, deitada em sua cama, alguma coisa a acertou. Era um torrão. Achou aquilo estranho, mas pensou que tivesse sido o compadre Benedito, que estava passeando por lá e resolvera fazer uma brincadeira.



Albertina chamou sua mãe e falou:  
- Mãe, Benedito está jogando torrão aqui em nós!  
A mãe acendeu o candeeiro(candial) e não viu nada.  
O compadre Benedito nem estava lá. Olhou pela janela  
e não viu nada.

Respondeu para a filha:

- Não é ele não. Ele não está aqui, não!

Mas, quando foi no outro dia, o mesmo voltou a  
acontecer. Alguém ou algo estava jogando torrões  
dentro da casa de Albertina e não era o Benedito,  
não!

- Torrões?

- Sim, torrões!



A chuva caía e torrões enxutos vinham parar dentro da casa. Até que chegou um momento, que começaram a jogar pedras de um morro, que tinha para além da casa de Albertina. Um menino reconheceu a pedra que fora jogada e era mesmo lá do morro. E a pedra estava enxutinha como se não estivesse chovendo.

A chuva caindo e as pedras não paravam de chegar lá na casa de Albertina. Quando deitavam, tinham que colocar o travesseiro na cabeça, se não a pedra vinha e - pá! – acertava bem no rosto dela.



Então, começaram a rezar para os anjos e para Nossa Senhora da Conceição. Tiveram a idéia de chamar uma mulher, uma rezadeira, que vivia lá em Água Quente, perto de Pombal. Ela foi e levou o filho. Chegando, pediu logo que arrumassem um altar. Rezou ao Anjo da Guarda, rezou o Ofício e continuou com a reza de Nossa Senhora da Conceição. A rezadeira fez até um voto para a Santa e prometeu que todos os anos a reza iria acontecer, se a Santa os livrasse daquela maldição.

Até hoje todos os anos, na região, se faz a reza de Nossa Senhora da Conceição em agradecimento à Santa.

**Narrador:** Seu Benedito Rodrigues

**Comunidade:** Pombal, GO

**Ano:** Junho/2005

**Pesquisadora:** Juliane Mota





## **NOSSA SENHORA DA ABADIA E O CAÇADOR**

Antônio não acreditava em santos. Sua mãe era muito religiosa, mulher de muita fé, e sempre orientava o filho para que ele respeitasse os santos e tivesse mais fé. Mas o rapaz não dava nenhuma atenção aos pedidos da mãe. Ele não acreditava em santos.

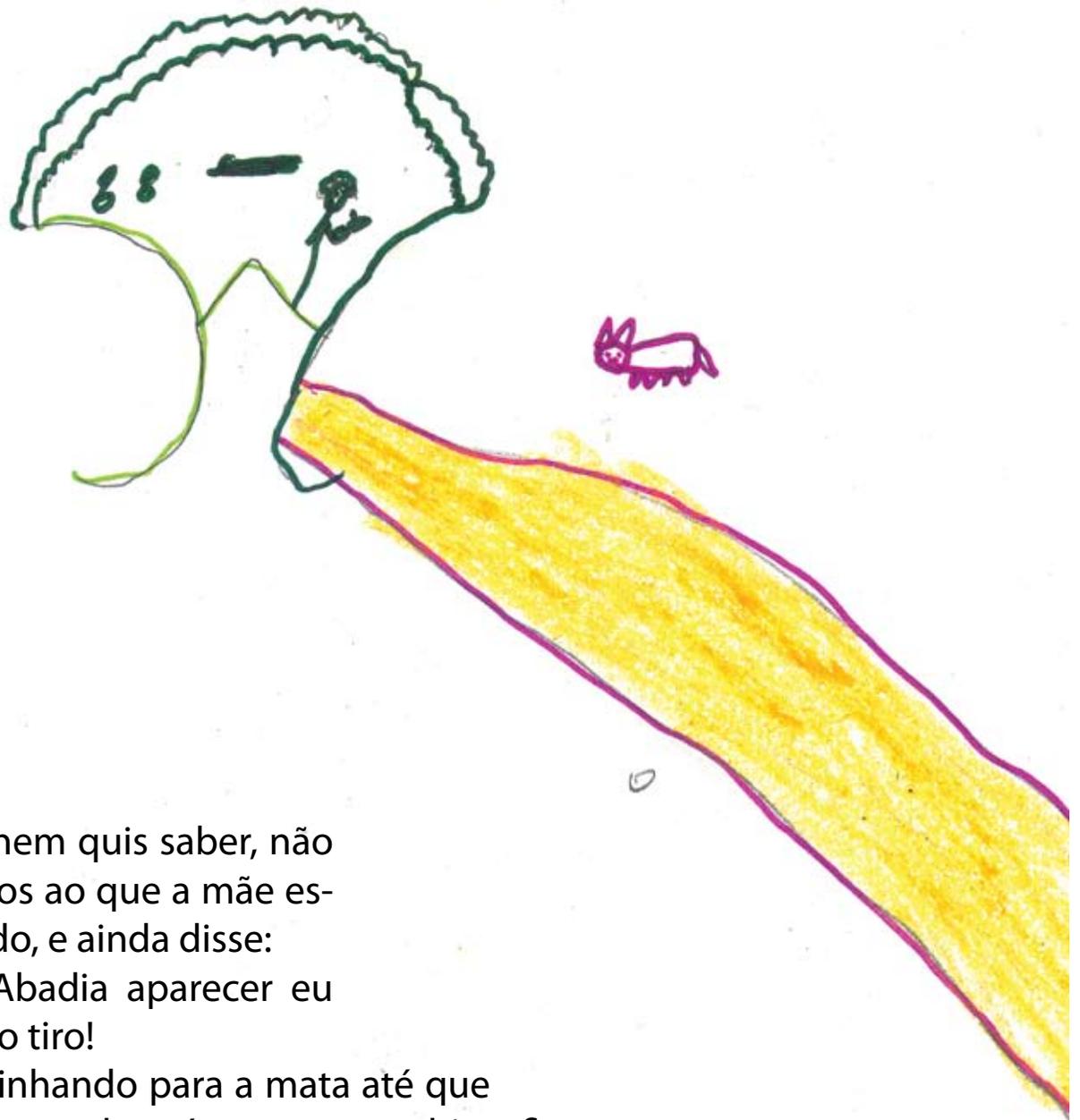


Certa noite, no dia de Nossa Senhora da Abadia, ele disse:

- Mãe, eu vou esperar uma caça em cima de uma árvore lá na mata.

Sua mãe, sabendo que aquele não era um dia bom para a caça, foi logo dizendo:

- Meu filho, hoje é dia de Nossa Senhora da Abadia, não vá caçar no dia da santa.



O filho nem quis saber, não deu ouvidos ao que a mãe estava falando, e ainda disse:

- Se a Abadia aparecer eu torro ela no tiro!

Foi caminhando para a mata até que encontrou uma boa árvore para subir e ficar na espera da caça. Pouco tempo depois, começou a ouvir umas pisadas:

- "Chec, chec, chec"!

Apareceu um veado. Antônio focou a lanterna e mirou a espingarda na cabeça do veado quando, de repente, o veado transformou-se numa imagem da santa.

A imagem era pequenininha e foi crescendo, crescendo. A lanterna desligou sozinha e quando voltou a ligar, a imagem tinha desaparecido.

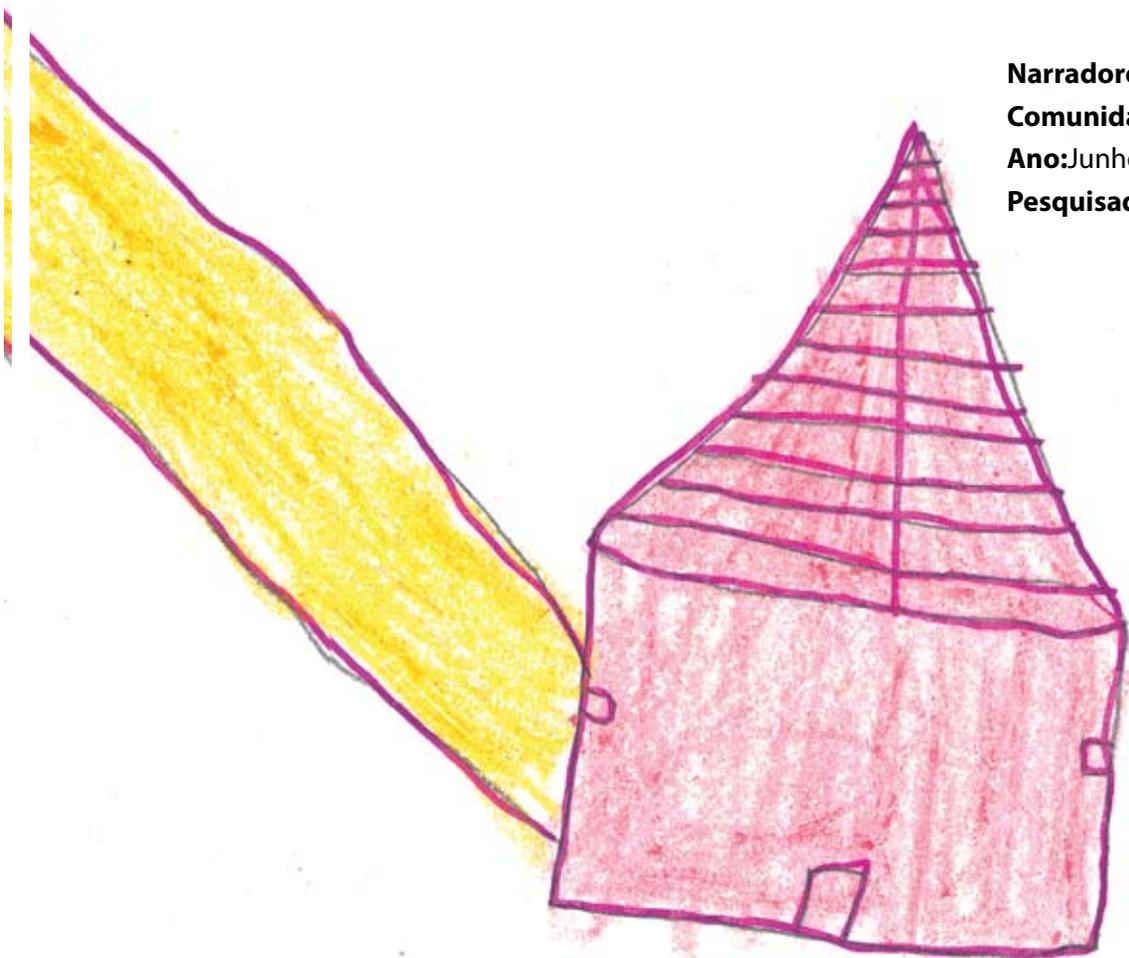
Antônio voltou para casa muito pensativo e ficou três dias sem falar com ninguém, impressionado com a visão. A partir daquela noite de espera, passou a acreditar nos santos e a freqüentar a romaria de Muquém, na cidade de Goiás, todos os anos.

**Narradores:** Seu Nazaré e Seu João

**Comunidade:** Pombal, GO

**Ano:** Junho/2005

**Pesquisadora:** Juliane Mota



# OXUM E A CURA DA TIA MARIA DA FÉ

Pedro morava com duas velhinhas: a mãe, Maria da Conceição, e a tia, Maria da Fé. A tia estava com um machucado na perna que não tinha cura. O machucado inflamou, a perna inchou e ela sentia muitas dores. Todo dia caía muita pele da perna da tia e ela tinha que bater o lençol lá fora para limpar a cama. Pedro ficou muito preocupado e foi consultar a velha Jove, filha de Oxum, uma deusa africana. A velha jogou as cartas e recomendou:

— Sua tia está com um problema sério na perna. Você vai lavar a perna dela com chá de folhas de chuchu. E vai deixar aquele gato da sua casa perto dela. Pronto, ela vai ficar boa.



Pedro voltou pra casa e encontrou o gato dormindo no colo da tia.

De repente, o gato pulou na perna de Maria da Fé, enfiando as unhas que arranharam a perna toda. A velhinha Maria da Fé desmaiou e Pedro veio correndo socorrê-la:

— Ô tia, acorde, já está tudo bem. Há males que vêm pra bem.

Logo em seguida, Pedro preparou um chá de folhas de chuchu, como a velha Jove tinha recomendado, e lavou a perna da tia. Ela foi dormir e no outro dia levantou pronta para trabalhar. Não tinha mais nada na perna. Ficou boa para sempre, sem defeito nenhum na perna.

**Narradora:** Severina

**Comunidade:** Aguapés/Osório/RS

**Ano:** Maio/ 1996

**Pesquisadora:** Gloria Moura





## SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO E A REZADEIRA



Meu avô gostava muito de caçar.

Sexta-feira da Paixão, que é dia de oração e respeito, ele armou uma arapuca para pegar uma caça. Minha avó disse:

-João, hoje não é dia para caça, fique quieto. Reze para o Cristo morto.

-Que é isso minha velha, qualquer dia é dia de caça.

-Vamos ver o que vai acontecer, disse ela.

Meu avô ficou vigiando a arapuca, mas nenhuma caça apareceu. Ele ficou cansado e foi dormir, deixando a arapuca armada.





De noite ouviu-se muito barulho do lado de fora da casa, mas ninguém quis ir ver o que estava acontecendo.

Pela manhã, quando meu avô foi ver a arapuca, tinha um diabinho preso nela. Ele levou o maior susto e foi buscar uma rezadeira para fazer o diabinho desaparecer. A rezadeira chegou e disse:

- O senhor foi armar arapuca na sexta-feira da Paixão, por isso o diabinho apareceu. Se eu não rezar bem rezado ele vai ficar morando perto do senhor.

Ela começou a reza e teve muito trabalho para fazer o diabinho desaparecer.

O meu avô nunca mais quis caçar na sexta-feira da Paixão.

**Narrador:** Vando

**Comunidade:** Kalunga/GO

**Ano:** 2000

**Pesquisadora:** Gloria Moura





# O MAÇAMBIQUE

Minha avó, Maria Tereza, que era a Rainha Ginga e morreu com 128 anos, contava que sua bisavó contava.

No começo dos tempos os negros trabalhavam muito, mas sempre arranjavam tempo para rezar, cantar e dançar para Nossa Senhora do Rosário.

Um dia, chegou no primeiro Quilombo, no Morro Alto, um casal vindo da África. Quando eles viram que os negros do Quilombo precisavam se organizar, eles ensinaram o Maçambique. Primeiro o casal criou um grupo de músicos com instrumentos feitos por eles mesmos. Depois ensinou as músicas e as danças para o povo do Quilombo.

Maçambique é um auto popular que conta a história da Rainha Ginga, de Angola, que se vestia de homem para exercer o poder. Seu irmão havia assassinado o seu único filho e por isso ela mandou matá-lo. Fez um acordo com os portugueses colonizadores e assumiu o comando da nação com o nome de Ana de Souza. Era forte e governava com mão de ferro. Mais tarde, renegou a fé cristã e reassumiu sua identidade africana.

O auto é composto pela Rainha Ginga





e sua pajem, o Rei do Congo e seu pajem, a chefia, formada pelo Capitão da Espada, pelo Capitão da Guarda e pelo Coronel. Os dançarinos são homens e se organizam em duas filas, chamadas varas. Há quatro tocadores. A fila, vestida de branco com acessórios vermelhos, representa os mouros, e a outra, com acessórios azuis, representa os cristãos.

A festa é realizada no dia de Nossa Senhora do Rosário. Começa com a missa e coroação dos reis. Em seguida, são servidas as comidas e inicia-se a dança que vara a noite.

**Narradora:** Severina

**Comunidade:** Aguapés/Osório/RS

**Ano:** Maio/1996

**Pesquisadora:** Gloria Moura

# TOADA DE ABERTURA

Os guias estão dançando  
estão chamando o capitão (bis)  
para vir dançar conosco  
a dança da abolição.(bis)

# TOADA DE DESPEDIDA

Todo mundo já bebeu,  
todo mundo já comeu,  
agora vamos agradecer.





## TOADA DE SAUDAÇÃO

Que senzala foi aquela  
em que o Maçambique nasceu?  
Foi uma grande senzala  
que a Senhora escolheu.  
Que senzala foi aquela  
em que o Maçambique nasceu?  
Foi na África do Sul  
que o Maçambique nasceu.

# BENDITO

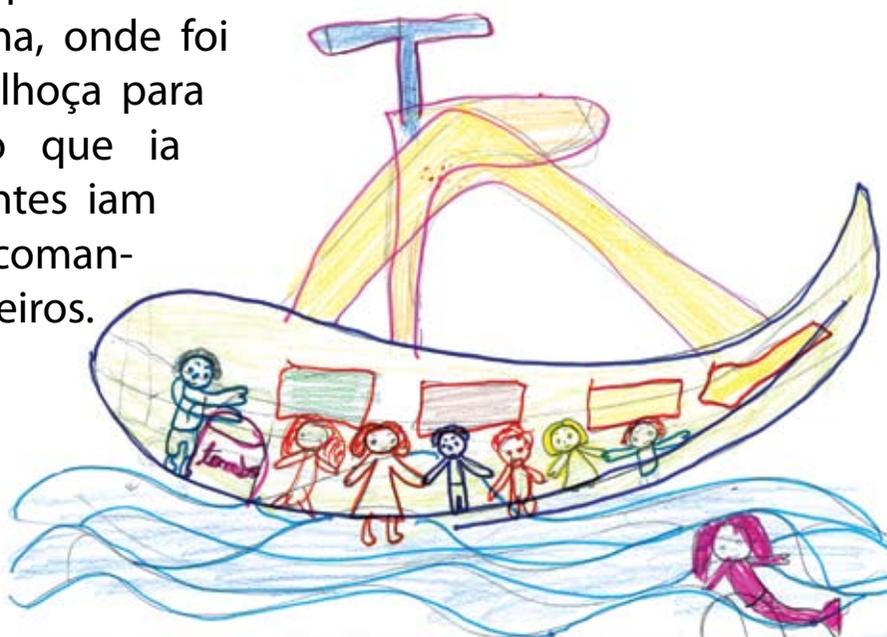
Oi bendito, louvado seja  
é do rosário de Maria (bis).  
Se Deus não viesse ao mundo  
oh que triste que nós seria (bis).  
O próprio filho de Deus  
no mundo não havia (bis).  
Sempre trazia consigo  
o rosário de Maria (bis).  
O rosário de Maria  
foi rezado com devoção (bis)  
para nos livrar do inferno  
e para nossa salvação (bis).  
O próprio filho de Deus  
no mundo não havia (bis)  
para ver os anjos rezando  
o rosário de Maria (bis).  
Lá do céu vem caindo  
uma garrafinha de ouro em pó  
Quero bem a todo mundo  
mas amo é Nossa Senhora.



# O TAMBOR DE MINA

Em São Luis, havia um terreiro assentado pelo pessoal que veio em navios muito antigos. Nesse lugar, realizava-se o Tambor-de-Mina: uma prática religiosa africana que cultuava as forças da natureza, que surgiam sob a forma de voduns, encantados e invisíveis. Eles apareciam para o pessoal do terreiro, para proteger, aconselhar e conversar. A comunidade rezava o terço em latim e cantava muitas músicas em língua africana, acompanhada de tambores. Cada comunidade do Tambor-de-Mina é chefiada por uma mãe-de-santo, que orienta os trabalhos e comanda as filhas-de-santo – designação usada para todas as iniciadas na religião.

D. Georgina conta que ainda pequena participou de uma cerimônia numa ilha, onde foi construída uma palhoça para esperar um navio que ia aportar. Os tripulantes iam saltando, desde o comandante até os cozinheiros.



Eram voduns, encantados ou invisíveis que vinham festejar com a comunidade. Uma vez na terra, dançavam a noite toda até que, de manhã, o navio virasse de popa. Aí todos embarcavam de volta, e os participantes do terreiro retornavam a São Luis.

**Narradora: D. Georgina**

**Comunidade:** Santa Rosa dos Pretos, MA

**Ano:** Junho/1987

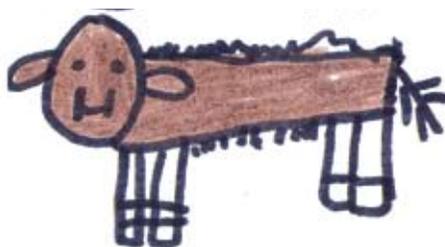
**Pesquisadora:** Gloria Moura



# ESTÓRIAS DE ANIMAIS



# A RAPOSA E O PAPA-MEL



O tatu era o escrivão da floresta. Quando foi marcado o casamento da raposa com o lobo, o tatu ficou com a unha rombuda de tanto escrever no chão a certidão de casamento. Depois de casados, a raposa combinou com o papa-mel de roubar cana no canavial, já que ele estava acostumado a chupar cana até nos fundos da cozinha do dono do canavial.

Um dia, o papa-mel chegou perto da raposa e arrotou. A raposa sentiu um cheiro adocicado e perguntou:

- Que cheiro bom é esse?

O papa-mel respondeu baixinho:

- Eu tiro cana do canavial de um homem. Eu chupo cana lá. A tal da cana caiana, sô.





Ela falou: -Home, me leva lá. Me Leva lá para eu poder chupar dessa cana.

Ele falou:- Então, vamos.

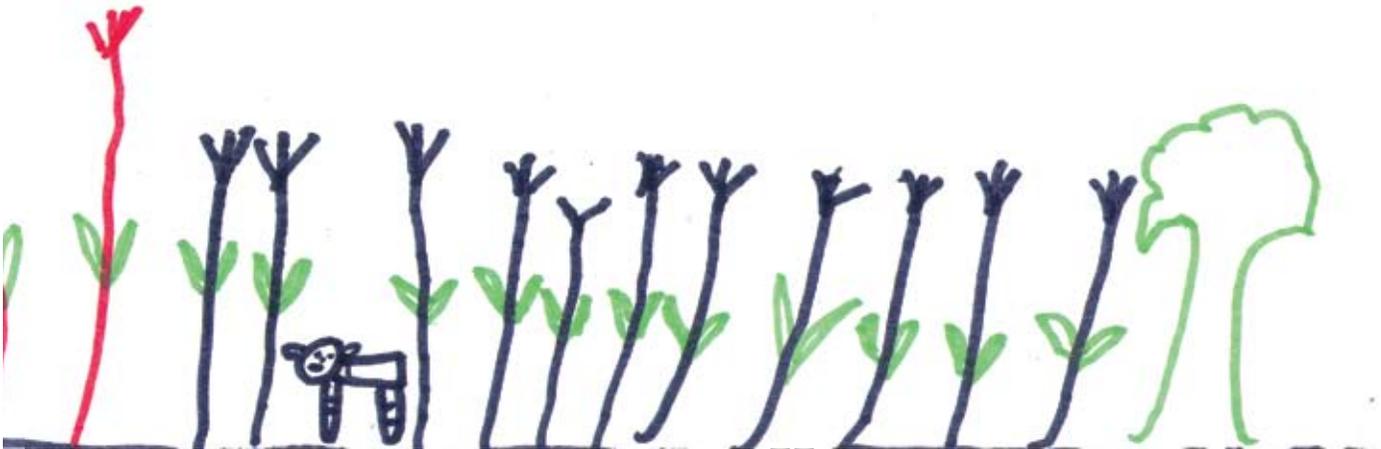
O papa-mel levou a raposa até o canavial, mas combinou:

- Quando você for arrotar, arrota baixo porque o dono do canavial tem muitos cachorros!

Aí, ela foi com ele. Chegando lá no canavial, ela está que chupa cana, que chupa cana, que chupa cana, chupa cana....

O papa-mel falou para a raposa:

- Sinhá raposa, vamos cair fora. Na hora que você for arrotar, arrota baixo.



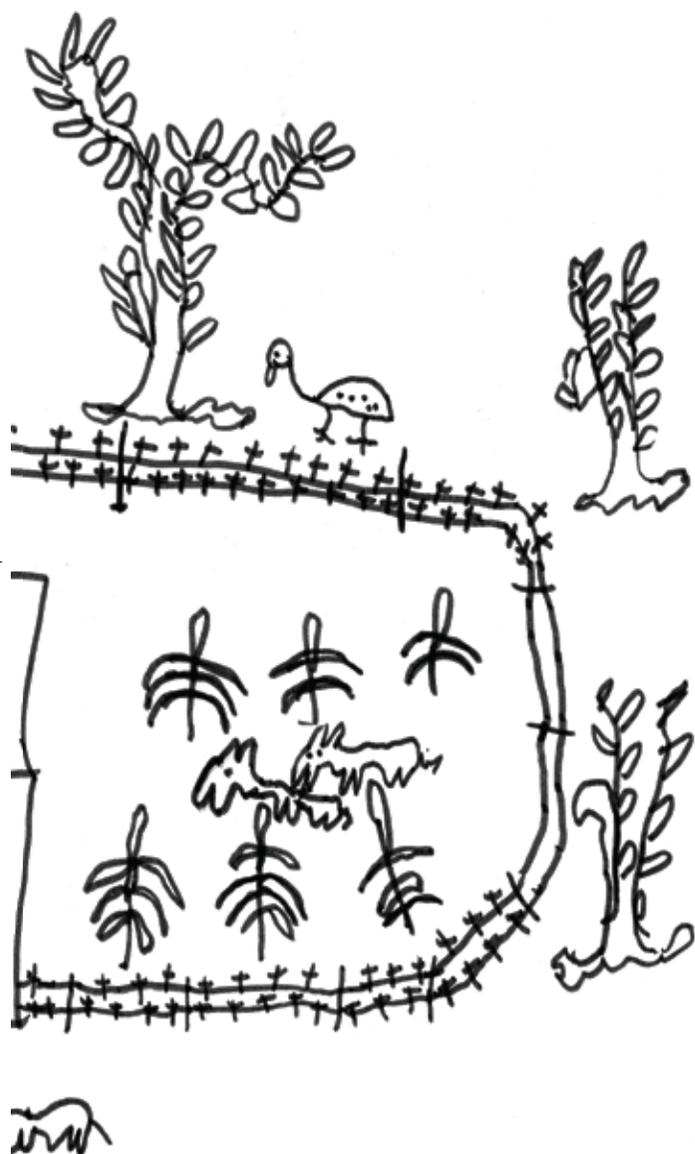
Mas não é que na hora que ela vai arrotar, arrotou perto da porta da cozinha do dono do canavial e da cachorrada! É que quando ela abriu a boca para arrotar, gritou:

- Ôooo, cana doce!

Aí, a cachorrada foi em direção da raposa. O papa-mel perguntou se ela tinha algum recurso, alguma coisa para espantar os cachorros.

A raposa falou:  
-Ah! Eu tenho sim.





Eu tenho um balaio cheio e outro até no meio.

Ele falou assim:- É, Sinhá raposa, então, você tem recurso até demais. Um balaio cheio e outro até no meio.

O papa-mel gritou para a raposa subir na árvore. O papa-mel trepa no pau, mas a raposa não consegue subir. De cima do pau, ele vê um cachorro que está pega num pega a raposa.

Ele gritou: Você num salta, Sinhá raposa?

Aí, ela foi num tempo só; num pulo só, e os dois ficaram bem quietinhos até os cachorros irem embora.

**Narrador:** Jair Siqueira

**Comunidade:** Mato do Tição

**Ano:** 1995

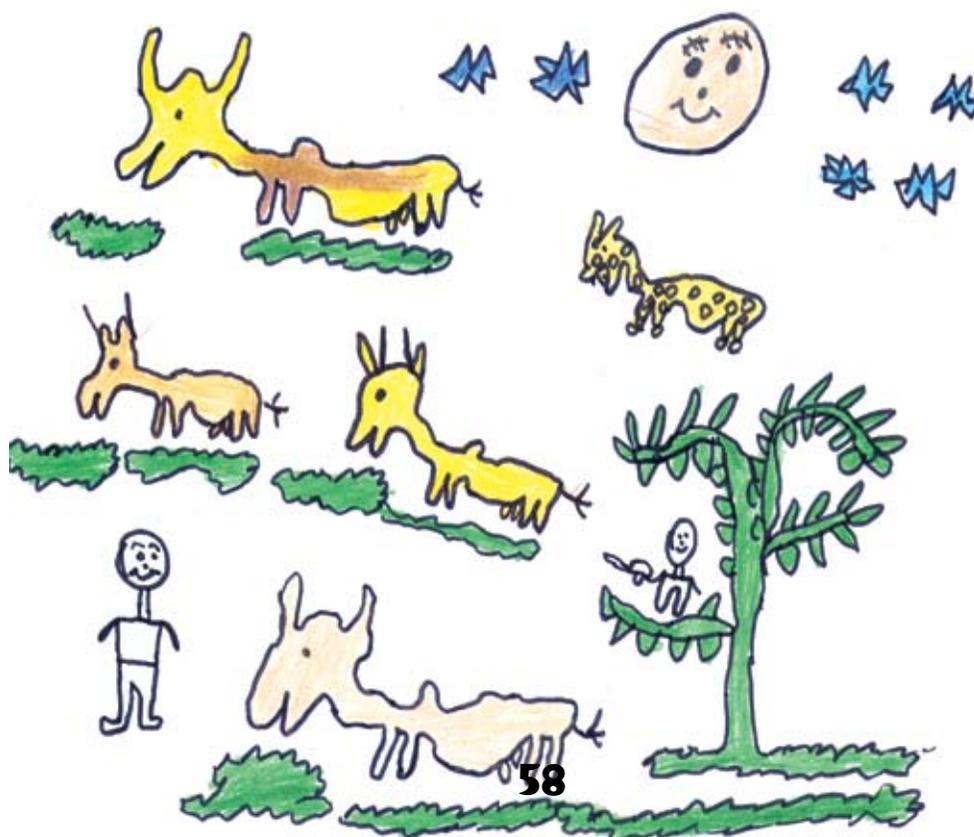
**Pesquisadora:** Gloria Moura

# O HOMEM QUE VIRAVA ONÇA

Na comunidade Kalunga contam que havia um homem que de noite virava onça. Uma vez, era uma noite de lua cheia, ele virou onça e matou uma novilha na fazenda do próprio filho.

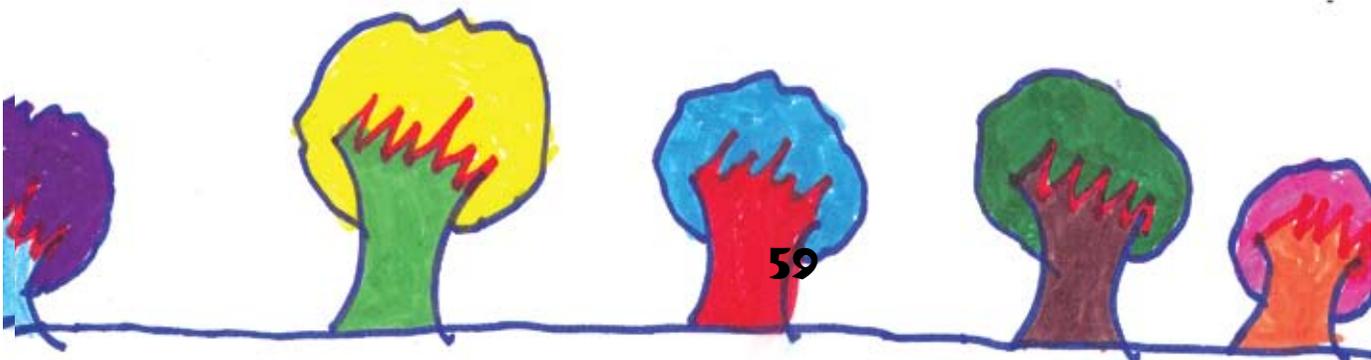
Quando viu a novilha morta, o filho pensou:

- Isso é coisa de onça. Vou ficar aqui de tocaia para pegar essa onça.





Ele passou o dia e a noite esperando a onça aparecer novamente. De repente, ele ouviu um barulho de mato amassado. Era a onça que vinha devagarinho. Ele se preparou, armou a espingarda, mas quando a onça chegou perto ele percebeu que era seu pai e não atirou. A onça fugiu espantada.



Quando o filho chegou em casa, o pai já estava lá. Ele disse:

- Pai, o senhor tem de parar com essa estória de virar onça. Hoje eu quase atirei no senhor. Foi por pouco. Eu sou um bom caçador de onça e quase matei o senhor.



O senhor mata minhas novilhas quando está virado em onça e me dá prejuízo.

Vamos numa rezadeira para o senhor ficar livre desse encanto.

Assim fizeram. A rezadeira quebrou o encanto e o pai nunca mais virou onça.



**Narrador:** Joaquim de S. R.

**Comunidade:** Kalunga/GO

**Ano:** 2000

**Pesquisadora:** Gloria Moura

# ESTÓRIAS DE ASSOMBRAÇÃO E MISTÉRIO



# O OURO ENTERRADO

Zélia teve um sonho maravilhoso. Ela sonhou que seu padrinho Zelão tinha encontrado muito ouro e que tinha enterrado esse ouro perto da gruta. Mas ele tinha morrido antes de poder usufruir a riqueza. No sonho, ele oferecia o ouro para Zélia e dizia:

— Esse ouro me tirou o sossego, não tenho mais paz. Quero que o ouro seja seu. Você vai encontrá-lo perto da gruta, embaixo de um ipê amarelo. É só cavar que você vai encontrar o ouro. Que esse tesouro lhe traga alegria e felicidade.

Zélia contou o sonho para seu marido, Antônio:

— Antônio, eu tive um sonho com meu padrinho Zelão, que já morreu. No sonho ele me dizia que o ouro enterrado perto da gruta, embaixo de um ipê amarelo, é todo meu. Vamos lá buscar.

Antônio, desconfiado, disse:

— Isso é só um sonho. Não tem ouro nenhum enterrado.

— Tem sim, eu tenho certeza. Vamos lá ver.

Os dois foram para perto da gruta e começaram a cavar embaixo do ipê amarelo. Mas, nesse momento, formou-se subitamente uma tempestade, com raios e trovões, e a chuva só caía onde eles estavam, mas eles continuaram

a cavar até que a Zélia começou a passar mal e falar com uma voz diferente. Os dois voltaram para casa assustados.

No dia seguinte voltaram para tentar novamente. Mas uma ventania surgiu do nada e quase arranca as árvores. Eles ficaram com os olhos cheios de terra e não puderam continuar cavando. Voltaram para casa, outra vez. Encontraram a casa sem cobertura pela ventania. No outro dia,



tentaram mais uma vez, continuaram cavando no lugar onde o ouro tinha sido enterrado.

Dessa vez, foi Antônio que entrevou as costas com um mau jeito com a enxada. Tiveram que voltar para casa sem ter encontrado o ouro.

Zélia começou a desconfiar que o ouro era amaldiçoado, mas não queria desistir e chamou seu irmão Tomé que

ficou animadíssimo com a possibilidade de ficar rico. Bem disposto, seguiu Zélia até o local e começou a cavar. Mas, quando estavam perto de encontrar o ouro, Tomé começou a sentir calafrios e Zélia também se sentiu mal e desmaiou. Tomé teve de carregar Zélia até em casa. Quando voltou a si, ela disse:





- Não adianta, esse ouro tem uma maldição. Vamos deixar ele lá onde está, antes que aconteça o pior com algum de nós. O Antônio já está entrevado, eu quase morri. Vamos deixar essa ambição para lá e vamos viver pobres, mas em paz. Tomé se lembrou dos calafrios e teve medo de voltar sozinho para procurar o ouro novamente.

Assim, eles esqueceram o ouro e a vida voltou ao normal.

**Narradora:** Nailde

**Comunidade:** Pombal, GO

**Ano:** Junho/2005

**Pesquisadora:** Josiane Mota

# A ASSOMBRAÇÃO DA GEMA DA BAHIA

Seu Otávio conta:

Em uma noite dessas, fui a cavalo para a cidade de Barro Alto, no interior do Goiás, buscar uns remédios. Quando ia passando perto do cemitério, por volta de dez horas da noite, uma pessoa apareceu duma vez, montada num cavalo sem sela. O homem tinha olhos fundos e era muito esquisito. De repente, ele avançou em mim e pegou meu braço. Na hora eu arrepiei e gritei:

- Me larga, pelo amor de Deus!!!

E o homem respondeu:

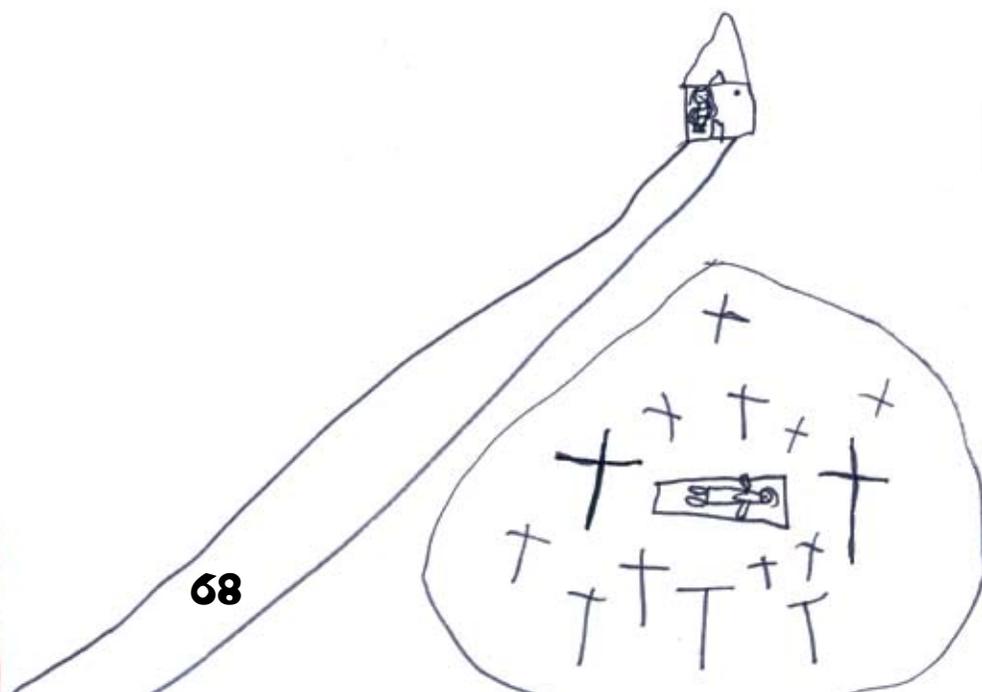


- Eu sou da Gema da Bahia, deixei você lá e você vem aqui no meu caminho, no meu tranzo.

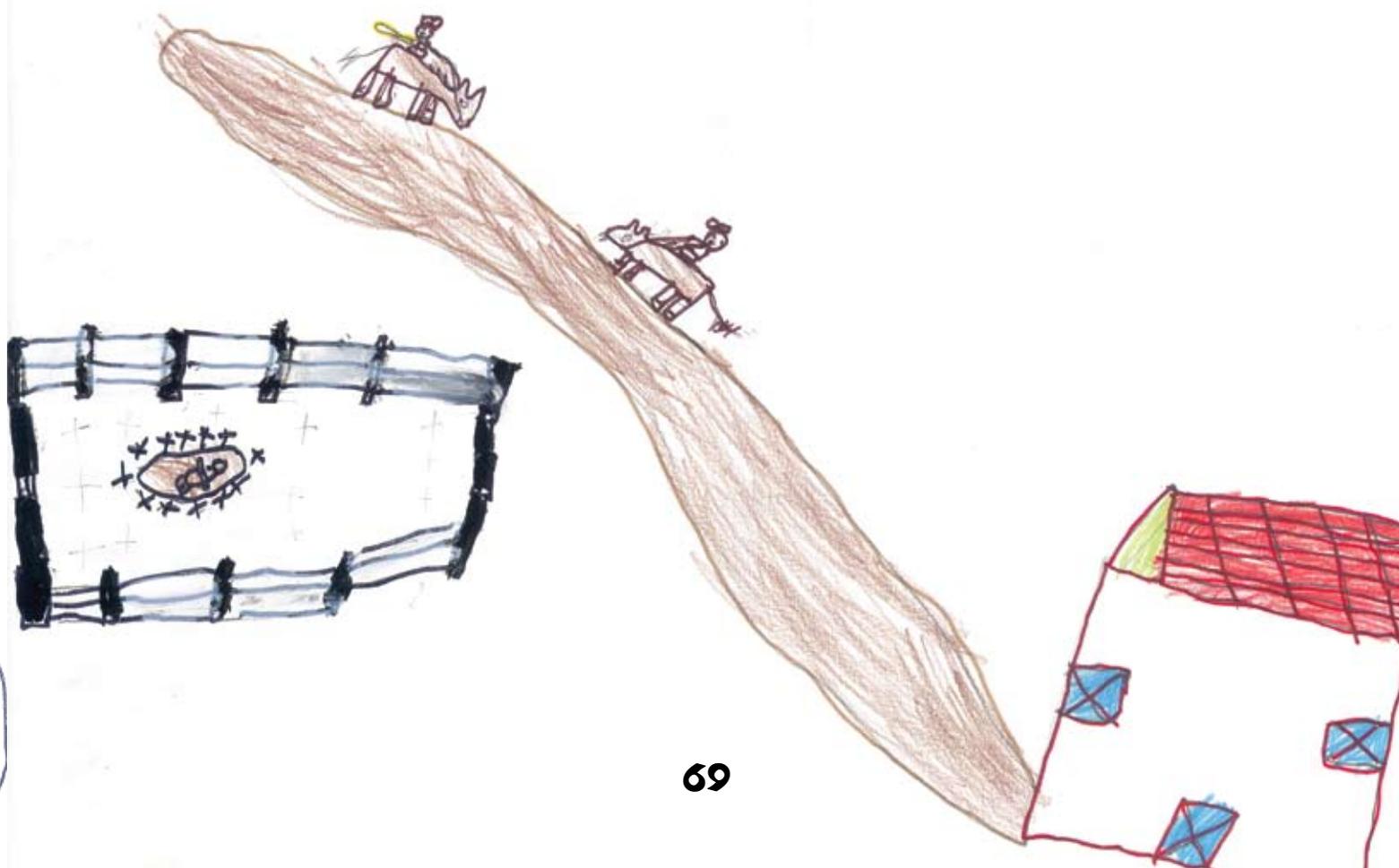
O homem repetia isso várias vezes, me chamando e me olhando com aquele olhão sem piscar!

De repente, lembrei que tinha comigo uma faca. Quando eu arranquei a faca e mostrei, o homem desapareceu no ar. Eu fiquei morrendo de medo e o cavalo tremia todinho.

Isso aconteceu perto de Barro Alto, pra cá do cemitério um pouquinho.



Depois que fui na farmácia, na hora de voltar e passar pelo mesmo caminho, o cavalo estava com tanto medo que foi de passo em passo, bem devagarinho. E aí lembrei de umas histórias que minha avó contava, ela dizia assim:



- Se acontecer essas coisas com você, arranca a faca e faz um risco em sua volta, faz cinco salamões com a faca. A assombração vai embora na hora.

Assim eu fiz. Peguei a faca e fiz vários círculos em volta do cavalo e de mim. Ele se sentiu protegido e tocou a trotar no caminho de casa. Nunca mais eu passei perto do cemitério à noite.

**Narrador:** Seu Otávio

**Comunidade:** Pombal, GO

**Ano:** Junho/2005

**Pesquisadora:** Josiane Mota



# O FORRÓ E A CASA QUE AFUNDA

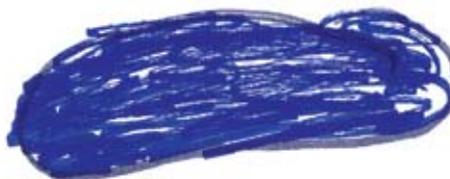
Era hora da missa e as pessoas estavam dançando um batuque lá no Cocal, perto de Barro Alto. As pessoas iam até o batuque chamar o povo para a missa e ninguém vinha.

Então, o padre mandou o sacristão chamar o povo para a missa:

-Vá até o forró e chame os fiéis para a missa que já vai começar.

O sacristão foi, mas não voltou.





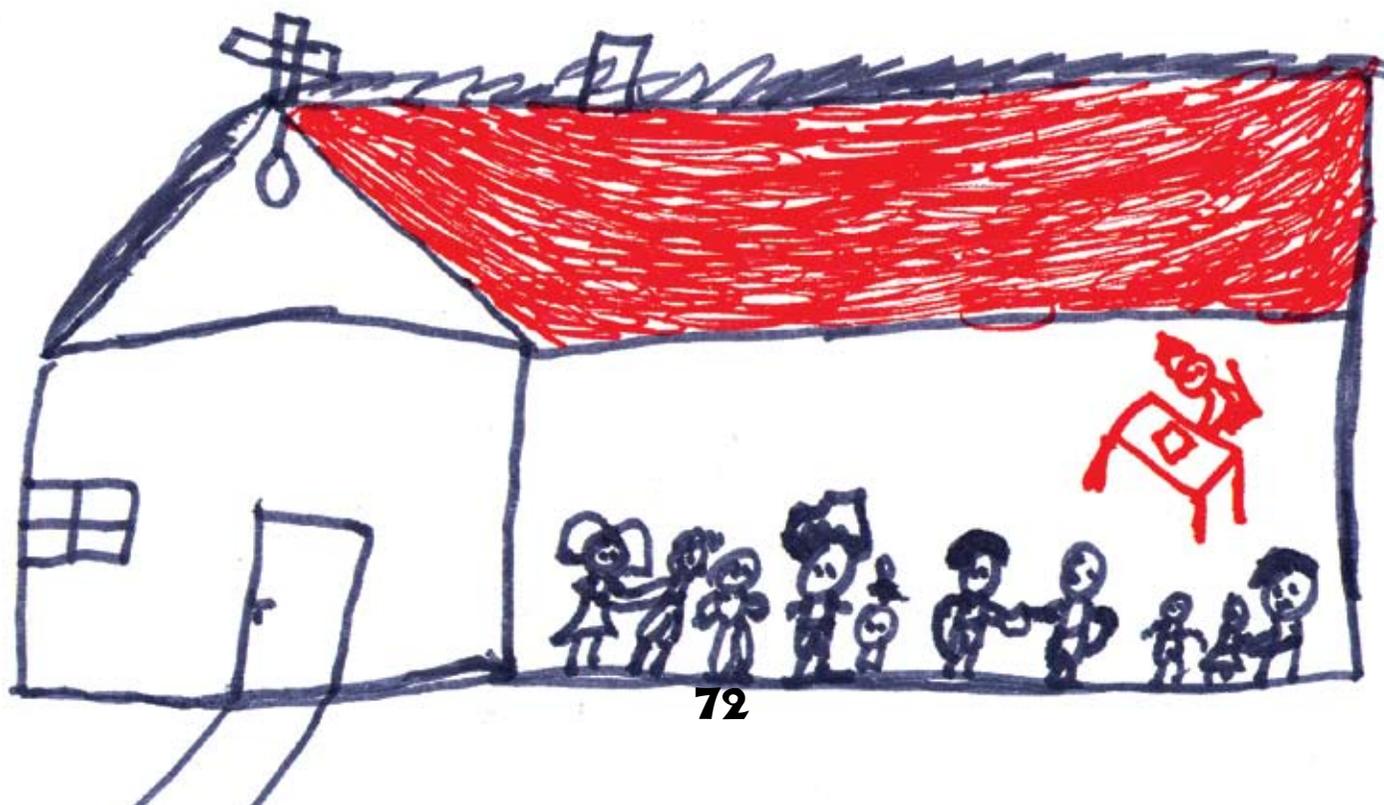
Quando o derradeiro foi e não voltou, o padre decidiu ele mesmo ir chamar o povo para a missa. Chegando lá, ele também caiu no forró. Aí o chão da casa afundou, a batina do padre tomou o vento. Dona Roxa não viu isso, mas ela ouviu um velho falando:

-Dizem até que ainda existe a casa com o buraco lá no Cocal.

**Comunidade:** Pombal, GO

**Ano:** Junho/2005

**Pesquisadora:** Josiane Mota





## A TOCHA DE FOGO

Naquele tempo havia muito gado na região de Pombal. Já era noite quando Bertino e Bernadinho vinham para o estábulo, tocando o gado que tinha ficado do outro lado da porteira, para se alimentar. Vinham contando histórias de assombração, quando uma tocha de fogo saiu do córrego e foi crescendo e se movimentando até ficar ao lado deles. Ficou parada perto de umas folhagens.

Os dois se assustaram, mas não demonstraram que estavam com medo. Continuaram a tocar o gado calmamente.



Quando chegaram em casa, foram contar a estória para o pai, seu Benedito Rodrigues. Ele não acreditou e foi logo dizendo:

- Isso era nuvem de vaga-lumes!

Sem ter como comprovar, Bertino e Bernadinho deram a conversa por terminada.





Três dias depois, estavam os três no mesmo lugar, tocando o gado, quando a tocha de fogo apareceu novamente, parou no mesmo lugar e depois se apagou.

Dessa vez seu Benedito não pôde mais duvidar, pois aquilo não era nuvem de vaga-lumes, mas sim alguma coisa bem misteriosa que até hoje ninguém sabe explicar.

**Narrador:** Bertino  
**Ano:** Junho/2005  
**Pesquisadora:** Juliane Mota



# ASSOMBRAÇÃO DE LUZES

João Calango saiu um dia em direção à Placa, um distrito de Pombal. Quando chegou perto do Assentamento Independência, viu uma luz vindo de lá, em sua direção.

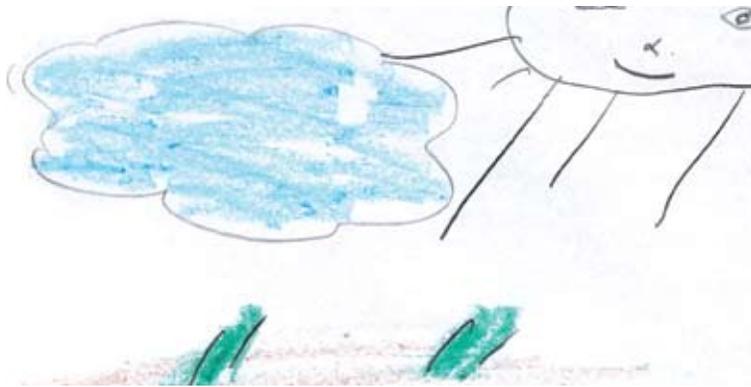


Ele ia tranquilo de bicicleta e de lá vinha uma luz, uma luz clarinha. João Calango achou que era uma luz de mato, mas viu que ela estava pertinho e não fazia nenhum barulho, nada.

Ele disse:

- Uai! Que trem é esse que vem em minha direção?





João Calango viu que aquele “trem”, a luz, tinha algo errado. A luz estava “encostando”, se aproximando dele. Então, ele arredou da estrada, só um pouquinho, para aquele “trem” passar.

João Calango pensou:- Esse “trem” vai me pegar!!!

O corpo dele começou a arrepiar. Mas ele não era um homem medroso, não, e nessa hora, ele disse:



- Sangue de Jesus tem poder!

Quando falou assim três vezes, a luz foi se afastando devagarinho, devagarinho, se afastando, se afastando... . João Calango ficou quieto na bicicleta. E a luz foi se afastando, se afastando, se afastando... . Foi, foi, até a luz pegar uma distância dele, mais longe, mais longe até que sumiu, desapareceu.

João Calango ficou quieto, assuntou (escutou), olhou para trás e para os lados e não viu nenhum perigo. Pegou então o rumo da estrada e foi embora. A luz sumiu.

Quando João Calango atravessou o primeiro córrego e a ponte de Pombal, do alto dela olhou aquele morrão e viu duas luzes. Uma era pequena e a outra era grande. Iam uma do lado da outra, quietinhas. João Calango ficou um tempão olhando essas luzes. Olhou o tanto que quis. As luzes ficaram para trás. Ele deixou que ficassem longe.



As luzes seguiram rumo à represa, sumindo para o lado de lá. João Calango pegou a estrada e foi embora. O galo começou a cantar, já era de manhãzinha. João Calango não viu mais nada e seguiu sua viagem. Foi embora olhando para um lado e para o outro. Deus o abençoou e ele chegou bem em Placa, são e salvo. Ninguém nunca soube explicar o que eram essas luzes...

**Narrador:** João Calango  
**Comunidade:** Pombal, GO  
**Ano:** Junho/2005  
**Pesquisadora:** Josiane Mota



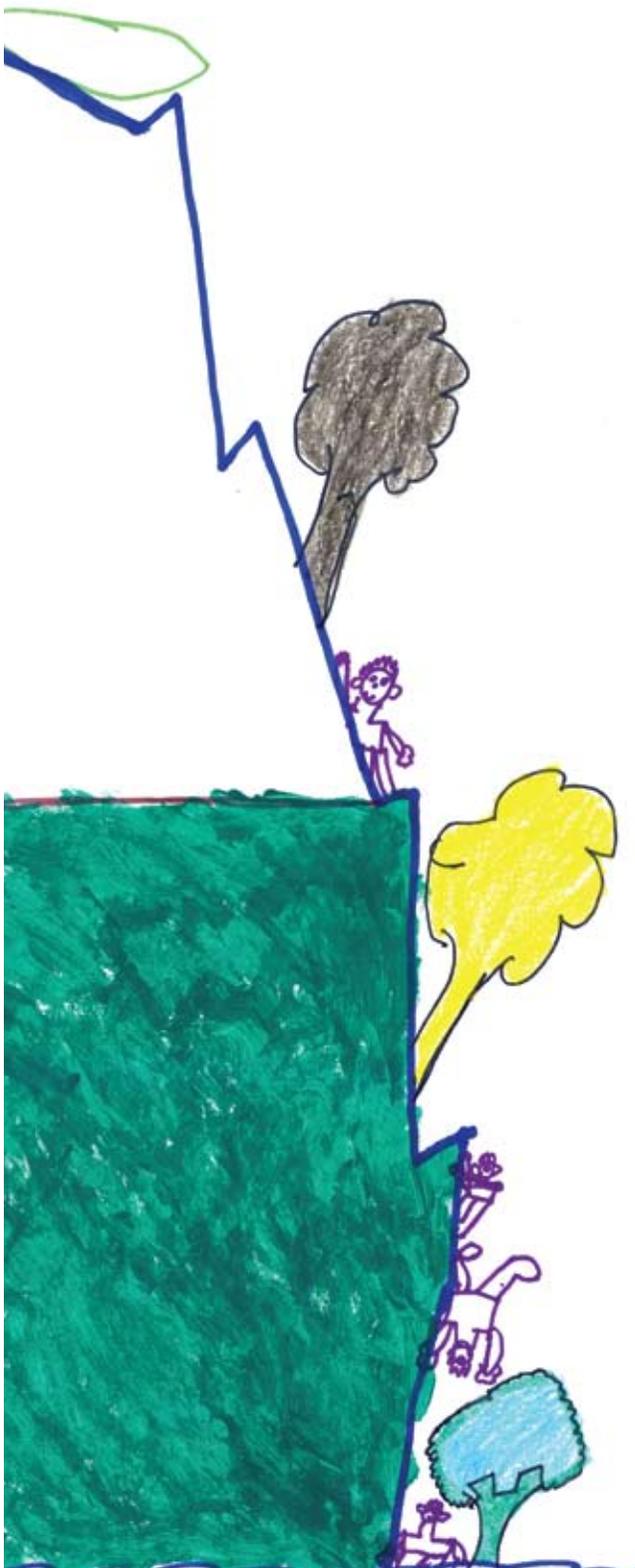


## O MORRO ENCANTADO

A comunidade Kalunga conta que atrás do Morro do Moleque existe um morro encantado que ninguém nunca conseguiu subir.

Muitas pessoas já tentaram, mas quando estão no meio do caminho, começam a escutar barulho de gado mugindo, gente falando, cachorro latindo. Ficam tontas e não conseguem continuar. Voltam correndo, com medo, porque no morro não tem ninguém e não sabem de onde vem essa barulhada.

Dizem que isso é por causa do ouro que existe dentro da terra. A Mãe do Ouro protege o morro, afastando os garimpeiros ambiciosos com esses barulhos.



Os Kalunga ainda não descobriram como quebrar esse encanto. Quem conseguir, vai poder explorar o ouro do morro e vai ficar muito rico.

**Narração:** coletiva

**Comunidade:** Kalunga, GO

**Ano:** Junho/2000

**Pesquisadora:** Gloria Moura



**ORIENTAÇÕES  
PARA  
PROFESSORES**



## Prezado (a) Professor (a)

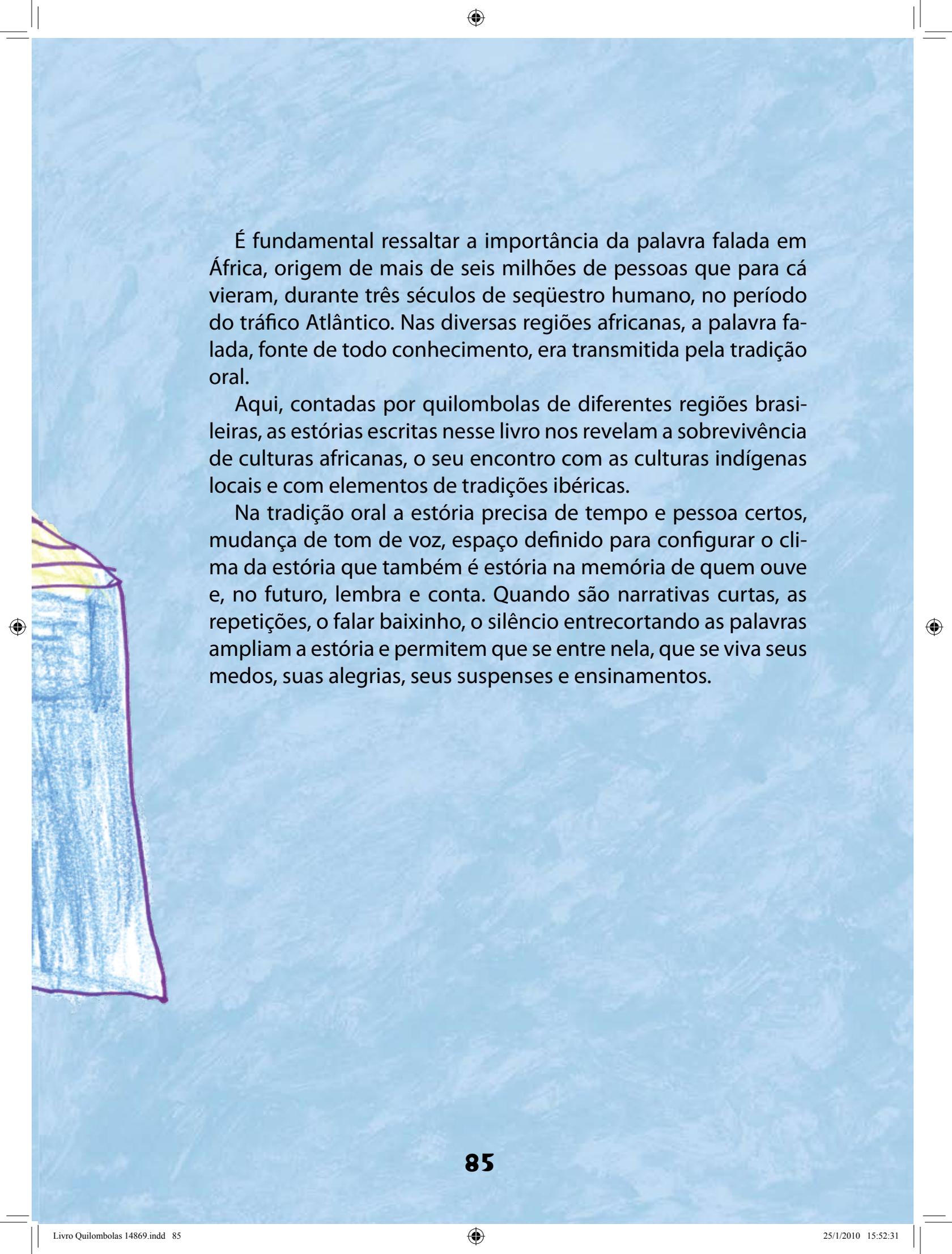
Gostaríamos de convidá-lo(la) a realizar a leitura do livro *Estórias Quilombolas*, acompanhada de uma reflexão sobre a importância histórica dos quilombos em nosso país, bem como sobre a forma de transmissão dessas estórias e os ensinamentos que nelas estão contidos.

*Estórias Quilombolas* organiza um conjunto de narrativas coletadas em quilombos de diversas regiões brasileiras, nos dias de hoje.

### **A tradição oral: estórias contadas pelos quilombolas**

Essas estórias, conhecidas por meio da força da tradição oral, atravessam tempos e espaços, contadas de geração em geração, preservando a memória ancestral, ao mesmo tempo em que se atualizam, sem perder sua identidade de origem: a palavra falada e seus ensinamentos.





É fundamental ressaltar a importância da palavra falada em África, origem de mais de seis milhões de pessoas que para cá vieram, durante três séculos de seqüestro humano, no período do tráfico Atlântico. Nas diversas regiões africanas, a palavra falada, fonte de todo conhecimento, era transmitida pela tradição oral.

Aqui, contadas por quilombolas de diferentes regiões brasileiras, as histórias escritas nesse livro nos revelam a sobrevivência de culturas africanas, o seu encontro com as culturas indígenas locais e com elementos de tradições ibéricas.

Na tradição oral a história precisa de tempo e pessoa certos, mudança de tom de voz, espaço definido para configurar o clima da história que também é história na memória de quem ouve e, no futuro, lembra e conta. Quando são narrativas curtas, as repetições, o falar baixinho, o silêncio entrecortando as palavras ampliam a história e permitem que se entre nela, que se viva seus medos, suas alegrias, seus suspenses e ensinamentos.

Quando longas, os personagens e tempos se misturam em um vai-e-vem quase mítico, são histórias dentro de estórias.

A tradição oral em África, segundo o etnólogo e romancista nascido no Mali Amadou Hampâté Bâ (1901-1991), é a grande escola da vida... Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo



pormenor sempre nos permite remontar à unidade primordial<sup>1</sup>.

Assim, nas palavras de Hampâte Bâ os ensinamentos fundamentais para a vida social estão contidos nas histórias e são por elas transmitidos. Neste sentido, é importante estar atento aos conteúdos narrados, tanto os aparentes como aqueles não aparentes pois é nessa dinâmica que se funda a ligação com o conhecimento transmitido pela tradição oral ao conferir sentimento de identidade e pertencimento aos que se educam por meio da oralidade.



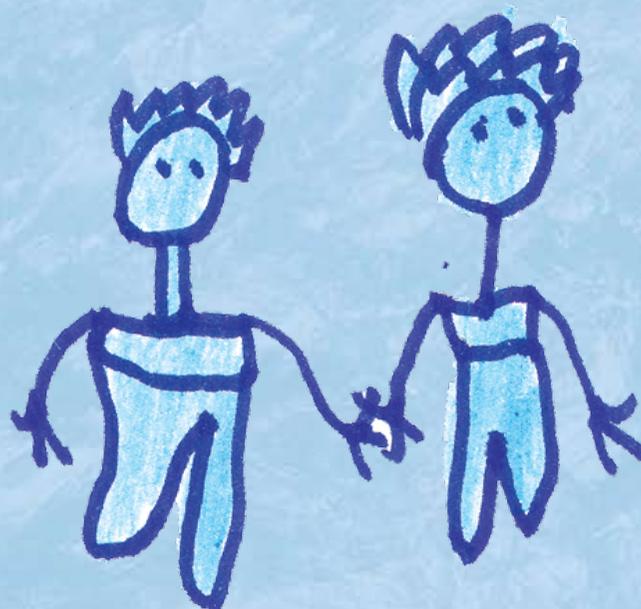
---

<sup>1</sup>Hampâte Bâ, Amadou. *A tradição viva. História Geral da África. São Paulo. Ática/Unesco, 1982, v.1.*

## A estrutura do livro

Ao trabalhar com um livro, o professor precisa levar em conta a estrutura que o organiza. Para isso, deve-se observar, entre outros aspectos, a relação entre os textos e as ilustrações, os títulos e sub-títulos, os diferentes tipos de letras. Esses elementos combinados revelam um conjunto de intenções do autor ou organizador do livro que, quando compreendidas, abrem possibilidades de trabalho.

O primeiro contato com o livro pode ser sua observação geral: a cor da capa, as divisões, as ilustrações e suas cores. Será que isso que dizer alguma coisa? Em seguida acionará o repertório dos alunos em relação ao conhecimento que possam ter de estórias de assombração e mistério, estórias religiosas, estórias de animais, pois isso facilitará a aproximação com o conteúdo das estórias e com o próprio livro.



## As Estórias

O professor precisa criar intimidade com as estórias. Ler tantas vezes quantas for necessário, para poder senti-las no seu verdadeiro valor e significado. Elas precisam fazer sentido, a fim de que ele possa trabalhá-las com seus alunos.

Ao ler as estórias quilombolas lembre dos antigos contadores de estórias, lembre dos seus contadores de estória e assim, recrie tempos, vozes, lugares e partilhe os conhecimentos aprendidos e ensinados por meio da palavra falada.

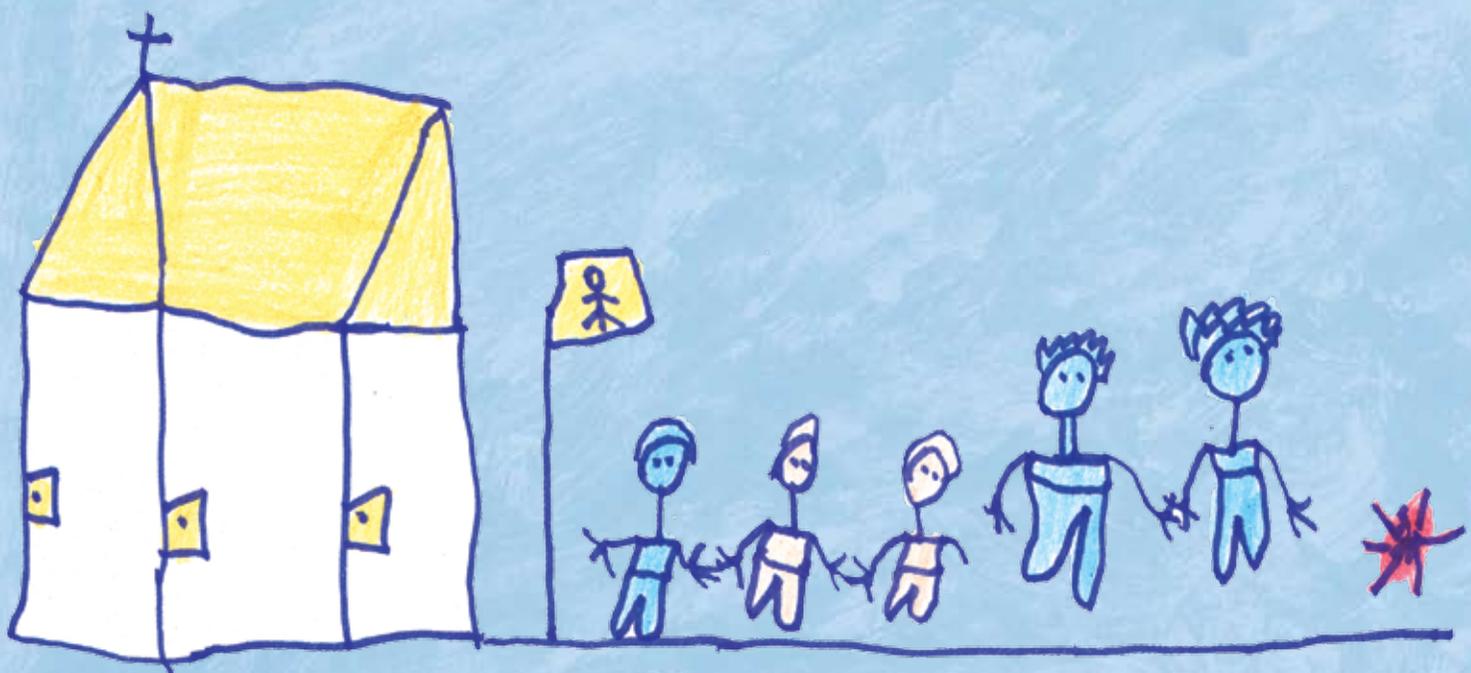
Um aspecto relevante é o cuidado em não didatizar a exploração dos conteúdos contidos nessas estórias. A dimensão estética de aprendizado que as estórias proporcionam precisa ser preservada. Para isto, basta lembrar das estórias ouvidas na infância e que de fato permaneceram em nós, sem saibamos bem o porquê.



Quando se trabalha, excessivamente, nas estórias orais, os personagens, o cenário, os conflitos e as suas soluções, acaba-se por perder o momento da estória, seu ritmo e entonação, elementos essenciais na transmissão oral. Assim, o desafio está feito: garantir o sentido de integridade característico da tradição oral ao utilizar o registro gráfico como meio de acesso às estórias. O livro está classificado em estórias de assombração e mistério; estórias religiosas; estórias de animais. Entender o sentido geral dos grupos de estórias contribui para a apreensão de cada uma.



Nas estórias de assombração e mistério o inesperado ou o inexplicável é quem dá o clímax da narrativa. Os sentidos de desafio a algum aviso anterior, vindo de quem é experiente, ou de teimosia quando se percebe algo inexplicável são características das estórias de assombração e mistério. Algumas delas têm uma moral implícita que pode ser explorada pelo professor, tal como nas fábulas.



Nas estórias religiosas, os feitos de santos protegem os mais humildes. Eles revelam com seus milagres a apreciação de valores como a honestidade, esperança, dedicação, justiça e confiança, entre outros. A tradição é firmada nas estórias, face ao caráter explicativo e quase mítico das situações narradas.

A fala atribuída aos animais nas estórias assemelha-se às das fábulas e marca um limite tênue entre natureza e cultura. A narrativa do Homem que virava onça é um desses exemplos que permite ao homem transformar-se em animal, e este fato ser visto de modo natural dentro da narrativa.



## Sugestões de atividades

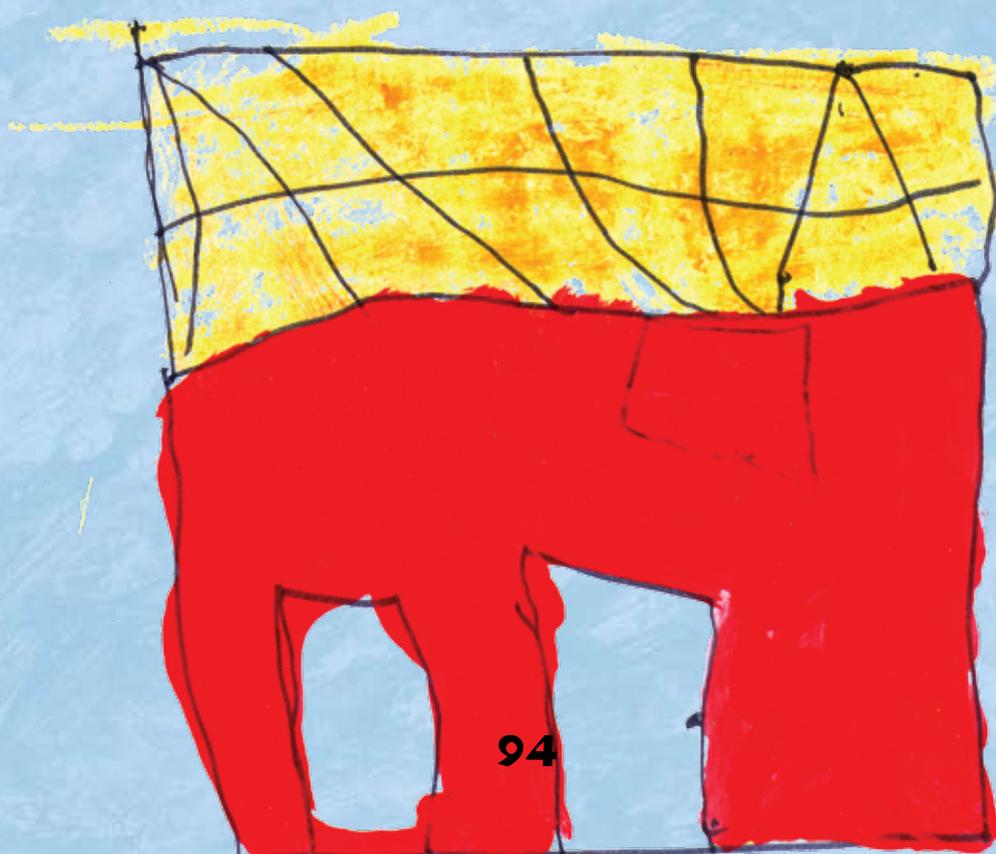
### ■ Anterior a leitura

As atividades anteriores à leitura são aquelas já descritas no item estrutura do livro. Essas atividades têm o papel de aproximar o aluno do livro a partir de uma leitura global da sua estrutura, organização e características estéticas.



## ■ Durante a leitura

A partir de estratégias facilitadoras de leitura acionar o repertório de imaginação ou o repertório informativo que o aluno possui acerca dos temas das histórias. Ao perguntar sobre o que imagina que possa ser o assunto de uma história com determinado título, ou ao lê-la de modo compartilhado, ir observando se a hipótese que ele tinha sobre ela está se confirmando ou sendo alterada, são estratégias que aproximam o aluno da história.



É preciso ter cuidado para que essas estratégias sejam utilizadas na medida certa, de forma que não quebrem o sentido estético da narrativa em detrimento de um exagero didático. São histórias pautadas na oralidade, e, portanto, o ritmo e a perspectiva integral da narrativa precisam ser preservados.



## ■ Após a leitura

Os conteúdos, a moral, os personagens, os cenários podem ser recriados pelos alunos sob a orientação do professor. As atividades didáticas pautadas na transcodificação de linguagens, isto é, desenhar a estória, ilustrar toda a estória ou alguns de seus trechos, fazer a partir dela poesias, quadrinhas, jornal mural ou jornal falado, paráfrases escritas, adaptação musical, esquetes são as atividades mais adequadas para o tratamento pedagógico.

Isto permite que a percepção do aluno seja revelada sem ferir o sentido estético e a integridade da narrativa, mesmo que ao realizar a atividade, o aluno apresente apenas uma parte da estória.

**Ana Lucia Lopes**

## INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Rede de Desenvolvimento Humano. *Quilombos: espaço de resistência de crianças, jovens, mulheres e homens negros*. Rio de Janeiro: MEC/REDEH, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Rede de Desenvolvimento Humano. *Quilombos: espaço de resistência de homens e mulheres negros*. Rio de Janeiro: MEC/REDEH, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. *Uma História do Povo Kalunga*. Brasília. MEC/SEF, 2001.

GARCEZ, Lucilia. *Mãe do Ouro*. Editora Scipione. São Paulo, 2005

HAMPÂTE BÂ, Amadou. *A Tradição Viva*. História Geral da África. Ática/ Unesco. São Paulo, 1982, v.1

LEAL, Isa Silveira. *O Menino de Palmares*. Editora Brasiliense. 17. ed. São Paulo, 1985.

MACEDO, Aroldo & FAUSTINO, Oswaldo. *Luana: a menina que viu o Brasil neném*. Editora FTD. São Paulo, 2000

MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na Escola*. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada. Alfabetização e Diversidade, 2005.

MUNANGA, Kabengele (org.). *História do Negro no Brasil. O Negro na Sociedade Brasileira: resistência, participação, contribuição*. Fundação Cultural Palmares – MinC. Brasília, 2004, vol.1.

Negras Palavras. *A Sombra de Baobá*. São Paulo, 2006.

PATERNIO, Semíramis. *A cor da Vida*. Editora Lê. Belo Horizonte, 1997.

REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Liberdade por um fio: histórias dos quilombos no Brasil*. Editora Companhia Das Letras. São Paulo, 1996.

*Uma Visita ao Museu Afro Brasil*. São Paulo. Editora Via Imprensa Edições de Arte. 2006.

